

— Vozes do Congresso das 500

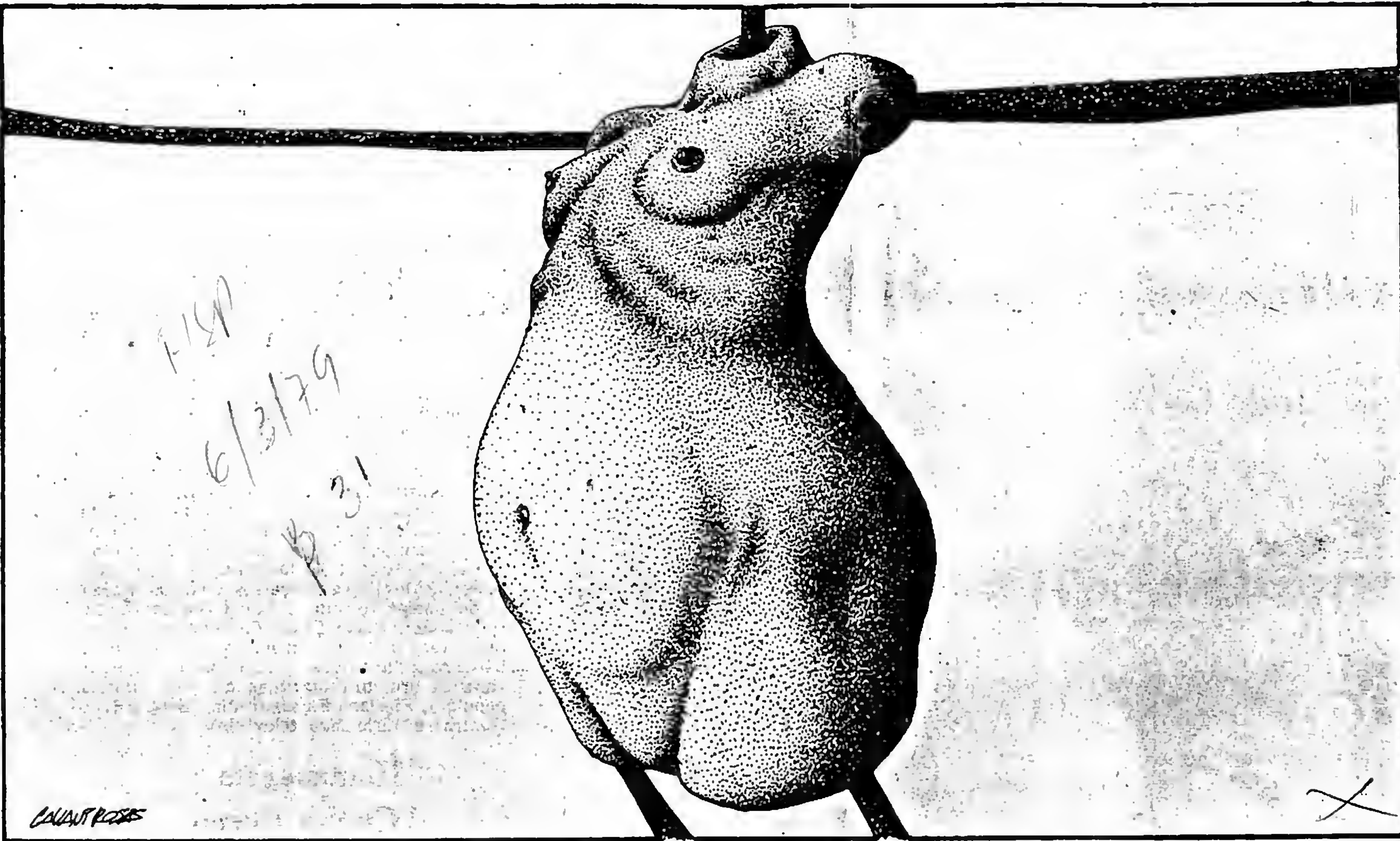
As mulheres paulistas exigem melhores condições de vida

Cantando "Olê mulher rendeira, olê mulher rendá, tu me ensina a fazer renda que eu te ensino a reclamar", as 500 mulheres da Grande São Paulo que se reuniram no 1.º Congresso da Mulher Paulista, durante este fim-de-semana, no Teatro Ruth Escobar, levantaram as seguintes propostas: homenagem a Clarice Herzog e a esposa de Manoel Fiel Filho, mortos na prisão em 1975, em memória a todos os homens e mulheres que sofreram a repressão do governo militar; mudança na definição de mulher no dicionário Aurélio Buarque de Hollanda; uma "Semana de Estudos da Sociedade Machista" (proposta por 25 homens que participaram do encontro); luta contra a repressão ao aborto; luta imediata por creches em todos os bairros de São Paulo, sustentadas pelo Governo e orientadas pelos pais; uma comissão de mulheres para acompanhar o Inquérito Parlamentar sobre a violência contra os menores na FEBEM; uma comissão para denunciar o projeto do deputado Gilvan Rocha, do MDB, que quer proibir o uso do DIU, método anticoncepcional intra-uterino; um convite a participação no ato Público que será realizado dia 12 na Câmara Municipal em protesto à posse de Maluf; e solidariedade à luta dos povos latino-americanos contra os governos militares, ao povo vietnamita e ao da Nicarágua e a luta da mulher no Irã.

O Congresso se encerra no Dia Internacional da Mulher, (8), quinta-feira às 20 horas, no Teatro Ruth Escobar. Nesta noite deverá ser votada a formação de uma Frente de Mulheres, com uma sede, a Casa da Mulher Paulista, congregando os vários grupos, entidades e mulheres independentes que participaram do Congresso.

As discussões no fim-de-semana foram sobre a desvalorização do trabalho doméstico, os problemas acumulados no trabalho fora de casa, a inexistência de creches, a falta e má qualidade das escolas, e a educação diferente que se dá a meninos e meninas dentro de casa. E também a sexualidade feminina, os problemas que a mulher enfrenta com a reprodução, o Plano de Gravidez de Alto Risco do Governo e a necessidade da mulher participar ativamente na sociedade. Entre um tema e outro, a cada momento livre, elas cantavam o seu "Mulher Rendeira". "E a mulher que é viúva, ou que foi abandonada, e a pobre mãe solteira, que não tem direito a nada. A mulher toma a palavra: sou gente vou trabalhar, e o marido ainda resmunga, tu tem roupa pra lavar".

Quatro creches foram improvisadas para cuidar das 240 crianças que acompanharam suas mães ao Congresso. Algumas ficaram numa das salas do Teatro, outras foram para a Creche Carinha de Esquilo, outras para uma paróquia próxima ao Teatro e para as casas de pessoas que participavam. Muitas mulheres, e até alguns homens, se revezavam durante os dois dias para dar conta de tanta criança.



Mulher. [Do lat. *muliere*.] S. f. 1. Pessoa do sexo feminino, após a puberdade. [Aum.: *mulherão*, *mulheraça*, *mulherona*.] 2. Esposa (1). ♦ **Mulher à-toa.** Bras. Pop. V. meretriz: "Papai fica na igreja vigiando: se entra mulher à-toa, corre com ela." (Geraldo França de Lima, *Branca Bela*, p. 63.) **Mulher da comédia.** Bras., SP. Pop. V. meretriz. **Mulher da rótula.** Bras., RJ. Pop. V. meretriz. **Mulher da rua.** Bras. V. meretriz. **Mulher da vida.** Bras. V. meretriz. **Mulher da zona.** Bras. V. meretriz. **Mulher de**

No dicionário "Aurélio", mulher é quase que reduzida a palavras.

Com a barriga grande e baixa de quem já está para dar à luz, Eneida de Castro Solero, publicitária que faz divulgação de teatro infantil e adulto e que representava a Frente Nacional do Trabalho, dirigiu a mesa durante todo o Congresso. "A gente se sentou muitas vezes para cuidar da organização de tudo. Tivemos dificuldade porque era a primeira vez que enfrentávamos a batalha de trazer todas essas mulheres organizadas da periferia de São Paulo: problemas com ônibus para transporte, com creches para cuidar das crianças, com alimentação", diz ela. "Fizemos rifa, Ruth Escobar colaborou com o teatro, o lanche e o dinheiro, recebemos colaborações de várias empresas e de gente como os jornalistas da 'Folha'. Ainda agora estamos recolhendo dinheiro entre nós".

Mesmo assim, o déficit da organização do Congresso era, até sábado de manhã, de dezesseis mil cruzéis. O que não foi motivo para desânimo, pois ele foi considerado um grande sucesso.

"O que mais me marcou", diz Eneida, "foi que conseguimos ser consequentes. As mulheres com quem tenho contato, por exemplo, do Clube de Mães do Jardim Vista Alegre e um grupo que luta por melhorias no bairro do Morro Grande, na Zona Noroeste de São Paulo, estavam empolgadas. Queriam saber se os ônibus iriam buscá-las para o encerramento do dia 8, para saber o que vai acontecer. O Congresso marcou a vida dessas mulheres. Elas se expressaram, estavam presentes nos relatórios de discussão dos grupos, nas ideias que circulavam por ali."

"Além disso, alguns temas realmente marcaram, porque são problemas de todos nós: a desvalorização do trabalho doméstico, que a Cida, da Associação das Donas de Casa expôs tão bem, e a falta de creches, sem dúvida a primeira luta a ser travada por essa Frente de Mulheres que acaba de nascer."

A falta de creches

Creche é um problema sério para a maior parte das mulheres que trabalham fora, segundo denúncias apresentadas no Congresso:

— As mães saem para trabalhar e as crianças ficam soltas pela rua, à mercê de marginais, porque ou não temos creches suficientes para abrigar nossos filhos ou elas se recusam a ficar com crianças de idade superior aos 4,5 anos.

A necessidade de tranquilidade para trabalhar fora é essencial, mas a maior parte das mães não consegue solucionar tal problema já que as empresas não cumprem a lei sobre creche. Por isso, entre os assuntos debatidos, elas resolveram dar atenção especial ao problema da creche. Entre suas reivindicações estão desde pessoal especializado para lidar com as crianças, alimentação e, mais importante do que isso, uma educação capaz de prepará-las para a vida e que não provoque danos maiores em sua formação.

Também, que seja abolido o sistema de creches indiretas, através de associações ou empresas, para que a Prefeitura tome esse encargo para si. Entre as reclamações comuns está a de Olívia Alves, que tem um filhinho de 8 meses e que trabalha o dia todo: "O horário de uma creche indireta quase sempre não con-

diz com o nosso horário de trabalho e a gente tem que virar do avesso para pegar o filho no horário exigido. Além disso, eles se preocupam mais com as tralhas e botões do que com a limpeza e a educação."

Uma das soluções vista como essencial é a criação de grupos de mulheres que se dedicariam ao estudo e projeto de creches, assessoradas por professores especializados no assunto. Com os resultados nas mãos, eles seriam encaminhados a vereadores e ao próprio prefeito da cidade, pronto para ser colocado em prática.

Nesta tarefa elas pedem também a colaboração dos homens, que acabam atingidos pelo problema das creches. E pretendem travar a luta ao lado dos sindicatos das diferentes categorias, para que eles forcem o cumprimento da lei.

Para nós que trabalhamos fora e não temos com quem deixar as crianças, esse é um problema crucial. Nossas crianças não podem ficar abandonadas e trancadas em casa. Também não é certo que campanhas como a de uma televisão sobre o "Ano Internacional da Criança" nos dê esmolas. O que precisamos é de amparo legal para melhorar nossas condições de vida e efetivamente participar no processo de produção do nosso país.

Trabalhadoras no cinema

Como mais uma forma de comemorar o Dia Internacional da Mulher, celebrado a 8 de março, será realizado uma mostra de filmes sobre a situação da mulher no Brasil, hoje e amanhã, às 20:30 horas, no MIS-Museu da Imagem e do Som — Av. Europa, 158.

Hoje, dia 6, serão exibidos três curta-metragens: "Menino Menina", de Eliane Bandeira, que mostra as diferenças na educação das crianças com base nos preconceitos sobre o papel da mulher e do homem dentro da sociedade; "Vida de Doméstica", da mesma autora, trata da questão da

empregada doméstica, a profissão mais marginalizada entre as chamadas "profissões femininas" e "As Metalúrgicas", de Olga Futema e Renato Tapaços, revela os problemas específicos que a mulher metalúrgica enfrenta em seu trabalho na fábrica, mostrando os resultados do 1.º Congresso da Trabalhadora Metalúrgica de São Bernardo e Diadema, realizado no ano passado.

Amanhã, dia 7, será exibido um longa-metragem sobre a prostituição. Haverá debate organizado por Nós Mulheres. A entrada é gratuita.

Escravidão doméstica

"O trabalho doméstico é trabalho?". Com esta pergunta, o 1.º Congresso da Mulher Paulista abriu as discussões deste sábado, dia 3 de março, reunindo as mulheres presentes em 23 grupos, além de um grupo só de homens, que acompanharam suas esposas ou vieram sozinhos. Aparecida Kobec, responsável pela Associação das Donas de Casa, casada e com três filhos, introduziu o tema, falando da falta do reconhecimento social do trabalho doméstico.

— A gente lava, passa, dá forças ao marido para que ele enfrente o trabalho do dia seguinte e produza seu tanto, e ninguém dá valor a isso. A mulher não quer ser a "rainha do lar" apenas no dia 8 de março, para no resto do ano ser uma "escrava do lar". Queremos condições justas porque já está na hora de se estudar soluções coletivas para o trabalho doméstico: em casa, com a participação total do homem nas tarefas e na rua, através da socialização do trabalho doméstico. Ou seja, que os órgãos competentes instalem creches, lavanderias e restaurantes públicos.

Cida, como é mais conhecida pelas mulheres da Zona Leste, propôs a união de todas as mulheres, como a única salda para a situação em que as donas de casa se encontram. "A sociedade nos educou para resolvermos os problemas individualmente e isso não é certo. Se nos unirmos e o sistema capitalista nos oferecer as mesmas condições que o homem desfruta, tenho certeza que nós, as donas de casa, não seremos mais chamadas de burras."

A posição defendida por Cida durante sua exposição representa bem os anseios da mulher paulista. Isso ficou bastante claro após as discussões em grupo e da conclusão, exposta por uma relatora geral, efusivamente aplaudida pela plateia:

"O trabalho doméstico é pesado, cansativo, monótono e ininterrupto. A gente não tem descanso durante o dia, trabalhamos nos fins de semana e também nas férias escolares das crianças. Mas como o trabalho em casa não produz lucro, é desvalorizado socialmente. Só que sem o trabalho doméstico, como farão os homens? Como donas de casa nós interferimos no processo de produção indiretamente, é bem verdade, mas isso tem uma importância fundamental.

Entre as conclusões chegadas estão a luta pelas creches e, a longo prazo, também a criação de lavanderias e outros serviços públicos que minimizariam o trabalho dentro de casa. Quanto à reunião de mulheres em torno de clubes de mães, associações e outras agremiações, "ela é importantíssima, pois congrega as mulheres e, a partir dessa união, fica mais fácil reivindicar por necessidades e problemas do próprio bairro. Os mutirões também contam com o apoio geral, embora ele possa representar uma arma perigosa "na medida em que passa para o povo a solução de problemas, cuja responsabilidade é apenas do Estado".

Um dos assuntos mais problemáticos, sem dúvida, foi a institucionalização dos serviços domésticos, através de um salário específico à dona de casa. A falta de conhecimento sobre o assunto levou a opiniões mais variadas, como a de Maria Pessoa, que acha "importante um salário para amparar minhas despesas" ou de Orlando Maia, "que é a favor do salário porque assim a mulher também teria o direito à previdência social".

Mas as conclusões finais do congresso foram completamente desfavoráveis ao salário doméstico, como relatou uma das responsáveis do grupo:

— Se a gente tivesse que receber um salário, ele seria muito alto. Porque nós, donas de casa, exercemos as funções de lavadeira, passadeira, cozinheira, faxineira e além disso temos que cuidar dos filhos, e somos também babas.

O trabalho da mulher fora do lar foi discutido após um lanche rápido cedido pelo próprio congresso. Os assuntos debatidos foram: A dificuldade encontrada pela mulher para se profis-

sionalizar, a desvalorização das profissões ditas femininas, as garantias que as mulheres deveriam ter em seus empregos e como encaminhar uma luta conjunta por creches.

A participação política das mulheres também serviu como tema para que a metalúrgica do Sindicato de Santo André, Lélia Aparecida de Oliveira fizesse um inflamado discurso sobre o assunto.

"A luta da mulher ao lado do homem começou praticamente agora, na última greve dos metalúrgicos em 78. Quando o Governo bradava sua insatisfação contra a nossa greve, as mulheres negociavam com os sindicatos e com os patrões. Nossos próprios companheiros ficaram espantados com a nossa força. E também fomos nós que os instigamos a prosseguir na sua luta por um salário melhor."

Segundo a economista Maria Moraes, o último censo registra como as quatro profissões que reúnem maior número de mulheres as de empregada doméstica — "que vive num quartinho apertado e é obrigada a utilizar o elevador de serviço" — a mulher que trabalha na roça — "esta rainha do lar é verdadeiramente uma trabalhadora da enxada — a professora primária — "a segunda mãe obrigada a aceitar um salário baixo pelo amor ao trabalho" — e a operária — "que trabalha em péssimas condições, às vezes com máquinas desenhadas para os homens".

Todas essas mulheres reunidas no congresso trouxeram entre as conclusões sobre a profissionalização, diversos preconceitos da sociedade, sentidos na própria pele diariamente.

— Nós temos dificuldades em nos profissionalizar. Os cursos são caros demais para um salário baixo que recebemos. Na verdade não deve interessar ao sistema oferecer condições para que nos fortaleçamos como classe, que tem consciência e que não aceita mais os salários inferiores aos recebidos pelos homens, por uma mesma atividade.

Entre as denúncias trazidas pelas mulheres está a de Aparecida Malavasi, uma metalúrgica de São Paulo que foi obrigada a ser registrada como solteira "porque a empresa onde trabalho não quer ter preocupações com mulheres casadas". Outra mulher diz que num curso realizado pelo Senai de Guarulhos, ela conseguiu ser aprovada no curso "dito masculino" de Controle de Qualidade, mas como era mulher acabou não sendo aceita. Uma das alegações feita pelos responsáveis foi que a empresa não tinha banheiro para mulheres.

Na verdade, a tradição dos serviços domésticos sempre coube à mulher e as famílias sempre deram maior oportunidade ao homem para seguir uma carreira. Com a crescente desvalorização de determinadas profissões, como a dos professores, as mulheres passaram a ocupá-las recebendo e submetendo-se a salários mais baixos.

Quanto à falta de garantias nos locais de trabalhos, as mulheres apontaram a atitude machista de certos chefes que utilizam-se de suas funcionárias sexualmente, impondo-lhes como condição essencial para uma melhoria de cargo. Uma das mulheres disse para a plateia, recebendo palmas entusiasmadas: "A mulher sai com seu chefe quando ela quer e não quando o chefe exige".

A falta de garantias para a mulher grávida, os salários diferentes para funções iguais em relação aos homens, a inexistência de creches, e a participação política através de sindicatos e comissões de trabalho foram as propostas básicas das mulheres.

— A mulher tem que perceber seu peso político — resumiu uma das reladoras do congresso. Até agora sua participação tem sido praticamente nula e se não houver uma união dessas mulheres será difícil levar nossas reivindicações aos órgãos competentes. As mulheres tecelãs, por exemplo, provaram através das recentes greves que temos condições de readquirir nossos direitos e é isso que devemos fazer.

Cuidemos das crianças

Campanha da Fraternidade

Meus Amigos,

Católicos, Cristãos, Homens que buscam a Deus e que seguem a consciência na procura da Verdade e do Bem:

Sendo movimento de evangelização intensiva, a **CAMPANHA DA FRATERNIDADE** deve transformar-se num grande ato de amor. Recolhe ele o grito do povo, pedindo socorro. A comunidade inteira, por sua vez, sai em defesa e promoção da vida.

Gostaríamos de começar, nessa semana, pelo cuidado com a criança. Será a prova da vitalidade e do humanismo do nosso povo. Quem não ama a criança não ama ninguém.

A UNICEF — Fundo das Nações Unidas para a Infância — nos lembrou, há pouco:

“Descuidar das crianças de hoje é comprometer o futuro do mundo. O progresso de cada país está diretamente ligado à formação e à proteção que ele dá às crianças.”

1 — COMO ESTÁ A SITUAÇÃO DAS NOSSAS CRIANÇAS

Segundo o Relatório Gwetakin-Gront, intitulado “Utilização e Objetivos para o Auxílio à Saúde Infantil”, teriam morrido 16 milhões de crianças, com idade menor de cinco anos, só em 1978. O espantoso, no entanto, vem agora: desses 16 milhões de mortes, 15 milhões ocorreram nos países em desenvolvimento. A cada dois segundos, está morrendo uma dessas crianças.

Quanto ao Brasil, nossas estatísticas são de 1977, e foram amplamente divulgadas no início do Ano Internacional da Criança: de 328 mil óbitos, 200 mil são de crianças e a metade deles de crianças menores de um ano.

O boletim ecumênico CEI divulgou o depoimento do presidente do Instituto Nacional de Previdência Social. Disse Reinold Stephanes, na CPI do menor abandonado:

“Cerca de 80% das crianças que vivem na periferia das grandes cidades são portadoras de parasitas, 50% sofrem algum tipo de anemia; a desnutrição é responsável por 40% das internações custeadas pela previdência social”.

Todos nós sabemos que as carências do período pré-natal, os traumas durante o parto e as deficiências orgânicas do primeiro ano de vida costumam tornar irrecuperável a criança para toda a existência. Daí termos que concentrar o esforço de comunidade e da nação nesses períodos vitais para o homem e para toda a sociedade.

Temos verificado, em nosso “Amparo Maternal”, que as mães, quando recebem tratamento durante os meses de gestação e um acompanhamento objetivo e humano após o parto, saem normalmente com a criança sadia e com esperanças seguras para a existência.

PAULO EVARISTO, CARDEAL ARNS

2 — EXISTEM SOLUÇÕES

De fato, o mundo inteiro se comprometeu com a criança. Os direitos dela foram aceitos como exigência fundamental para verdadeira ordem e paz no mundo.

“Toda criança tem direito à vida, à saúde, à alimentação, à casa, ao lazer, à assistência médica, ao amor; tem direito a uma vida feliz.”

Pediatra conhecida em nossa terra acaba de afirmar: “O progresso de nossa sociedade está indissoluvelmente ligado ao progresso de nossos filhos. Não há investimento mais sólido do que o futuro da criança, e não existe responsabilidade maior para os adultos de hoje. As vastas e promissoras potencialidades do Ano Internacional da Criança merecem e requerem o apoio irrestrito de todos e dependem deste apoio.”

Num plano global, cinco áreas influem diretamente no bem-estar da criança, e por isso devem ser atingidas simultaneamente:

- saúde
- nutrição
- meio-ambiente
- educação
- aspectos legais.

O não atendimento de uma área poderá neutralizar o efeito da outra. Por exemplo: um bom programa de nutrição será totalmente ineficiente se, ao mesmo tempo, não cuidarmos do saneamento básico, em especial, instalações sanitárias e torneiras na cozinha, pois do contrário, daí advêm verminoses e infecções.

Cada comunidade pode e deve colaborar para tanto, e só assim teremos resultados a curto e médio prazo. Durante essa Campanha, é indispensável que se faça projeção, execução e avaliação de metas e se busquem, dentro do possível, os meios para a execução.

Não basta dizermos que nos faltam meios. Um exemplo muito simples, já nos foi dado em São Paulo: a nossa soja, bem preparada, tem 50% de proteínas e chega a substituir a carne e o leite. Talvez seja a mais barata e acessível de nossas fontes de proteínas, além de ser fonte de calorias, vitaminas e sais minerais.

Outro ponto fundamental: grande número de doenças em nossas crianças está diretamente ligado à água e ao destino de dejetos humanos. Não valeria então a pena, iniciarmos durante essa campanha verdadeiro combate em favor da higiene e das instalações mais primárias?

No entanto, não deveríamos parar aí. Vacinar 80% das crianças menores de 4 anos significa controlar suas doenças. Se não as vacinarmos, as doenças continuarão, infalivelmente, propagando-se então em toda a rede populacional que cerca a cidade de São Paulo.

Pouco ou nada se tem feito até agora em favor da recreação infantil. Indispensável é ela para a criança. Depois do amor, da alimentação e da proteção, a brincadeira da criança é ingrediente básico para o seu crescimento físico, individual, social e emocional. Brincando, a criança amadurece no controle dos nervos, na coordenação motora e aprende a falar corretamente. Nem sempre é fácil, organizar esses jogos um pouco mais coletivos. Isso não nos dispensa, no entanto, do trabalho de organizarmos diversões para crianças dentro e fora do lar.

3 — DEUS QUER QUE NOS OCUPEMOS COM A CRIANÇA

Se lermos com atenção a Bíblia, verificaremos que ela, desde o início, cerca a família com cuidados e põe a criança no centro do mundo novo.

Verificamos hoje o fracasso total da tecnocracia. Quis ela colocar a produção no centro de todas as nossas aspirações. Deixou à margem as pessoas que não produzem. Assim esqueceu o sentido da vida. Esqueceu a própria vida.

Somos convidados a um novo período de humanização. A esperança e a alegria são os motores da existência. A criança mesma oferece perspectivas sempre maiores, tanto para aqueles que trabalham em fábricas e repartições públicas, como aqueles que constroem por dentro a sociedade.

A civilização do amor ~~volta atenção particular para~~ os assim chamados "improdutivos": os velhinhos e as crianças. Eles é que levam a produzir e garantem o equilíbrio no contraste das forças.

Convém sempre lembrar de novo que Jesus, ao revelar o sentido da existência a todos os homens, quis ser criança, cresceu em idade e graça diante de Deus e dos homens. Em meio à atividade cansativa, não só acolhe as crianças, mas faz delas o protótipo do homem que acolhe o Reino de Deus.

A Igreja, se quiser ser Povo de Deus e Família reunida, terá que cultivar a vida e o amor. A comunhão. As famílias mais carentes é que merecerão os primeiros cuidados e, a partir delas, construiremos o equilíbrio da grande família humana.

Meus Amigos:

Ao falarmos do meio-ambiente, quisemos lembrar, em nosso primeiro "Encontro com o Pastor", a criança que merece ocupar o meio deste ambiente. O amor a ela será a prova de nosso grande amor ao Pai de todos os homens e aos Irmãos que Ele colocou ao nosso lado.

Quem não for como uma criança não entrará no Reino dos Céus. O olhar simples, o coração sempre novo, devem levar-nos a amar o mundo novo e a construir a comunidade dos homens a partir da solidariedade.

PAI NOSSO...

Mulheres comemoram seu dia exigindo uma transformação

Elas procuram agora a unidade do movimento

A principal manifestação brasileira do Dia Internacional da Mulher, que hoje é comemorado em todo o mundo, é o encerramento do 1.º Congresso da Mulher Paulista, no Teatro Ruth Escobar. As conclusões dos debates do Congresso serão apresentadas na forma de um documento, com as reivindicações propostas por todas as mulheres. Cada grupo participante, porém, vai se manifestar a respeito de seu trabalho particular e de suas propostas.

"Mulheres do povo, que tiveram participação ativa no Congresso, falarão sobre seus anseios e medos do que está para vir," como informou Enelda de Castro Solero, representante da Frente Nacional do Trabalho. A maior expectativa do encerramento do Congresso, que deverá contar com a presença de Marice Herzog, a esposa de Manoel Filho, é quanto à formação da Frente de Mulheres, que dará unidade e força à luta de todas as mulheres da região de São Paulo.

Na Igreja de São Miguel Paulista, às duas e meia da tarde, mulheres que estão organizadas em Clubes de Mães farão uma reunião comemorativa do 8 de Março, falando de suas propostas e reivindicações.

Os Clubes de Mães são grupos formados principalmente pela Igreja, em torno de trabalhos como crochê, bordado, tricô. Sobre isso, disse uma mulher no Congresso: "Precisamos

de uma profissão. Em vez de nos levarem nos Clubes de Mães um saco de feijão, que acaba, levem um profissional que possa nos ensinar um ofício."

O programa da Xênia, na TV Bandeirantes, está convocando todas as mulheres interessadas a irem hoje à sede da estação, no Morumbi, para debater entre as três e quatro e meio da tarde, com mulheres do povo e líderes feministas convidadas.

A Femina, uma central de prestação de serviços, especializada em fornecer assessoria e orientação feminina, promove hoje, a partir das 14 horas, um ciclo de palestras abordando assuntos específicos. Os temas abordados são os seguintes: "Retrospectiva Histórica da Participação Feminina no Brasil", por Jany Raschkovsky, às 14 horas. "A Mulher e o Trabalho" por Carmem Lúcia de Melo Barroso, às 15:30. "Sexualidade Feminina" por Marta Suplicy, que encerra as comemorações, às 16:30 horas. O local escolhido é o Auditório do Sedes Sapientiae, rua Ministro Godói, 1484. As inscrições de Cr\$ 200,00 devem ser feitas no próprio local, a partir das 13 horas.

Também na Câmara Municipal, às 20 horas, diversos grupos estarão promovendo um ato comemorativo do "Dia Internacional da Mulher", presidido pela professora Sílvia Pimentel da PUC. Com a intenção de promover o debate, lá estarão representantes do Movimento Feminino pela Anistia, a Comissão de

Mães em Defesa dos Direitos Humanos, a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, o Movimento Renovação Cristã e o Diretório do MDB.

Em São Carlos, a filial da Sociedade Brasil Mulher, do Movimento Feminino pela Anistia, a Associação dos Servidores da Universidade Federal de São Carlos e a União Municipal dos Estudantes de São Carlos, convidam para uma mesa redonda que será realizada na Câmara Municipal, Praça Coronel Salles, às 20 horas, com a intenção de levantar uma série de questões para a "libertação total da mulher".

"Ser Mulher na Bahia" é o tema do painel que o Núcleo Balano do Movimento pela Anistia promove hoje e com o qual pretende levar ao público, a experiência de vida de diversas mulheres que participam ativamente da sociedade baiana. Do painel participarão nove mulheres, entre as quais uma juíza do trabalho, uma artista plástica, uma socióloga, uma cobradora de ônibus e uma professora de dança.

No Rio de Janeiro, abre hoje na Faculdade Cândido Mendes o Congresso da Mulher Carioca, com o lançamento dos temas para discussões que terão início na tarde de amanhã e irão, de manhã à noite, até o domingo. Nas noites de sábado e domingo haverá exibição de filmes e leitura de peças que colocam a situação da mulher em nossa sociedade.



Desde o começo da década, 8 de março é a data principal da luta feminista.



Desenho de Kaete Kollwitz.

A primeira revolta

INÊS CASTILHO

A 8 de março de 1908, as operárias da fábrica têxtil "Cotton", de Nova York, entram em greve contra as péssimas condições de trabalho. Como todas as outras trabalhadoras dessa primeira fase da revolução industrial, trabalhavam de 14 a 16 horas por dia, recebendo salários miseráveis. Com frequência davam à luz no interior das fábricas e morriam aos trinta anos, vítimas da tuberculose.

Suas reivindicações eram: jornada de trabalho de 10 horas e melhores salários e condições de trabalho. Diante da negativa da empresa, 129 mulheres ocuparam a fábrica, situada no lado leste do ainda hoje famoso "Village" de Manhattan. A represália não demorou a chegar: o empresário chamou a polícia, que fechou as portas da fábrica e pôs fogo no edifício. Morreram todas queimadas.

Dois anos depois, em 1910, é realizado em Copenhague, na Dinamarca, o primeiro Congresso Internacional de Mulheres. Em homenagem às 129 mulheres assassinadas, o 8 de Março foi instituído como Dia Internacional da Mulher e passou a ser comemorado no mundo inteiro.

No Brasil, a participação da mulher na luta pela justiça social e contra sua discriminação sexual data também do século passado. Surgiu ligada à luta abolicionista e reivindicava o direito da mulher à educação, conseguido parcialmente no final do século, com a criação da primeira Escola Normal. Por volta de 1922, um novo impulso leva as mulheres brasileiras a lutarem pelo direito ao voto, conseguido em 1932. Como em todo mundo, depois de conseguido o direito ao voto (que continua proibido aos analfabetos, a maioria dos quais são mulheres), o movimento teve um refluxo de algumas décadas, voltando no fim dos anos 60 com a grande polêmica criada pelo livro "Mística Feminina", da tão criticada Betty Friedman.

A luta das mulheres ressurgiu então, com força, na Europa e Estados Unidos, chegando aos países do Terceiro Mundo geralmente ligada às lutas de emancipação nacional e anticolonialista. Em função disso, a Organização das Nações Unidas instituiu 1975 como o Ano Internacional da Mulher, dando apoio oficial à criação de grupos de pesquisa sobre a situação da mulher em vários países.

É nesse contexto que no Brasil, nos anos de 1975-1976, foram criados o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, no Rio e, em São Paulo, o Centro de Desenvolvimento da Mulher e os jornais feministas "Brasil Mulher" e "Nós Mulheres". Junto com o Movimento Feminino pela Anistia, e Associações de Donas

de Casa e Clubes de Mães, que há anos existem na periferia de São Paulo, organizaram em 1976 uma comemoração pública do 8 de Março no MASP — Museu de Arte de São Paulo — com filmes, debates e participação de mais ou menos 400 mulheres.

Em 1977, o Centro da Mulher Brasileira do Rio organizou um "Encontro da Mulher que Trabalha", discutindo os problemas encontrados pela mulher no mercado de trabalho e a dupla jornada, ou seja, o acúmulo de trabalho dentro e fora de casa.

Em Pernambuco, a recém-fundada "Sociedade da Mulher do Nordeste" publicou uma matéria de página inteira num jornal local, falando sobre a situação das empregadas domésticas, "54 mil na área metropolitana do Recife, em 1970 com um rendimento de um terço do salário mínimo regional, que era de Cr\$ 116,00".

Em Salvador, o núcleo baiano do Movimento Feminino pela Anistia realizou um debate sobre os direitos humanos e a luta específica da mulher contra a discriminação sexual. Foi fundado o Centro da Mulher Mineira, em Belo Horizonte, com a publicação de um manifesto que reivindicava o direito à discussão dos problemas da mulher na sociedade.

Em São Paulo, o 8 de março de 1977 foi comemorado na Fundação Getúlio Vargas, pelos grupos organizadores — Centro de Desenvolvimento da Mulher Clube das Mães, Movimento Feminino Pela Anistia, imprensa feminista e Sociedade Brasil Mulher — além de cerca de 600 pessoas, que participaram ativamente das discussões sobre a situação da mulher na sociedade, especialmente as de baixa renda — maioria da população. Houve também uma comemoração na Igreja da Penha, onde mulheres de Clubes de Mães e Associações de Donas de Casa discutiram sua organização e reivindicações.

Em 1978, a comemoração do 8 de março se ampliou em São Paulo, com manifestações no Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André e na Igreja do bairro de Ponte Rasa.

Na Capital, as comemorações começaram no dia 4, quando nove grupos femininos e feministas se reuniram no Tuquinha — auditório da PUC — para discutir a situação da mulher na família, na comunidade e na sociedade em geral. Desse debate surgiu um primeiro documento de reivindicações da mulher paulista, que serviu de base para a Carta dos Direitos da Mulher, documento elaborado por ocasião das eleições de novembro do ano passado contendo as reivindicações das mulheres, que alguns candidatos como Fernando Henrique Cardoso, Airton Soares, Audálio Dantas, Irma Passoni, e Fernando Moraes e Eduardo Suplicy, por exemplo, deram seu apoio.

A senhora de preto

RADHA ABRAMO

O Congresso de Mulheres que se realiza em São Paulo mostrou claramente a situação atual da mulher brasileira: de um lado, as representantes das elites intelectuais (estudantes, jornalistas, sociólogas, etc.); e de outro, as trabalhadoras em geral. O primeiro grupo é minoritário, expõe relatórios de grupos de trabalho sobre questões relativas ao papel social da mulher com enfática convicção teórica e num linguajar construído por jargões tribais. O segundo é majoritário. As relatoras, na maioria, se esforçam na construção das frases e muitas vezes se perdem quando tentam expor seus problemas e as conclusões a que chegaram seus grupos de trabalho. O vocabulário é precário, as frases curtas. Mas os conceitos são de absoluta clareza, e se referem aos problemas gerais da sociedade brasileira.

Uma senhora de preto, cabelos presos à nuca e mãos claras sobe ao palco, resoluta. Sua figura parece ter saído de uma gravura de Kate Kollowitz ou dos "Horrores da Guerra", de Goya. Ela tem dificuldade de falar, torce o corpo e as mãos, o microfone treme, quando o empunha. Ela fala, grita, lamenta, reclama. Pela autenticidade de suas palavras e de seus gestos, torna-se a personagem mais contundente do Congresso de Mulheres.

"Eu vou falar pra vocês: a mulher tem que reclamar tudo porque tem direito a tudo. Igual aos homens. Só que a gente não sabe direito fazer as coisas. Sei que é preciso creches, aumento de salário, emprego — e muitas coisas mais. Mas, o mais importante é a gente saber trabalhar. Vocês deviam ensinar uma profissão pra gente. Sem profissão não se arranja emprego. Sem ele não se tem dinheiro e sem dinheiro a gente acaba. Os homens sabem direito fazer as coisas. Tem uma profissão. Eu sei fazer tudo mas não tenho profissão. Sou pedreiro quando precisa, pintor de parede e varro até rua. Tudo é trabalho e sendo trabalho é honesto. Mas eu não tenho uma profissão. Dona de casa não é profissão. Não põe comida na mesa".

A senhora de preto ataca o problema da mulher em profundidade. A profissionalização é o único meio do indivíduo alcançar um status social, tanto para ela, mulher, como para o homem. Mas a profissão implica educação, e isto quer dizer uma política educacional abrangente.

A presença da senhora de preto no Congresso é o germe revolucionário, exposto, genuíno, da sociedade brasileira. As palavras saem difíceis, mas enxutas, diretas. Quando elas reclamam uma profissão para a mulher lutar por melhores dias, levantam o problema do sistema que beneficia aquela maioria que reivindica coisas até superfluas, como a creche, o aumento de salário, etc., enquanto uma maioria não atingiu sequer o primeiro degrau para a ascensão social: uma profissão.



Fotos: Juca Martins

Hoje é o último dia do 1.º Congresso da Mulher Paulista.

Os machistas reagem com as piadinhas de sempre

OSMAR FREITAS JR.

Com a realização do 1.º Congresso da Mulher Paulista os mais variados tipos de porcos-chauvinistas estão pondo suas barbas de molho. Nas ruas e botequins, reduto máximo dessa classe, o pessoal promete vingança e ataca com suas armas costumeiras: "Oi boneca, você é a nora que mamãe pediu a Deus", "Se crua é assim, o que dirá tostadinha", "Qual é o número do cachorrinho?", "Te conheço de algum lugar. Vai ver que é dos meus sonhos, o coisa fofa". E com essas pérolas da filosofia machista, respondem ao congresso.

Dizem que a prostituição é a profissão mais antiga do mundo, mas cometem grave erro histórico, pois esquecem-se dos machistas. Esse estado de espírito chega a ser profissional, age sob regras, até certo ponto rígidas, e costuma dar lucro. E o machista é também um filósofo. Vejam por exemplo, o caso de Mindy, um boêmio que trabalha arduamente nos bares paulistanos. É um tipo clássico de porco-chauvinista: correntinha de ouro pendurada no peito cabeludo, camisa estampada disponibilidade de tempo para mulheres.

Enquanto o pessoal do Congresso luta por uma redefinição do conceito de mulher no dicionário do Aurélio, o Mindy ataca com esta definição: "Mulher, para mim, é que nem cachorro: só serve para tomar conta de casa e abanar o rabinho quando o dono chega". E Mindy ronca como um bom suíno. Quando soube do Congresso, tomou um gole de seu chopinho e disse: "E, parece que o mulhério está todo reunido no teatro, deve ser bom para paquerar. Porque para mim, não existe mulher difícil, o que existe é dona mal cantada.

Depois que o Seu General Elétric inventou a máquina de lavar prato e roupas, sobrou tempo para essas brucacas fazerem congresso: um chá de cozinha de mulher desprezada". Novamente bebe a sua lavagem, ou melhor, o seu chopinho.

Mas nem só de tipos como o Mindy vive o homem, as espécies são variadas. Os que mais proliferam são os rancorosos, mas há também os enrustidos, aqueles do: "Eu te entendo". São os bonzinhos, os que defendem a igualdade, só que mulher para eles tem que ser "piloto de fogão". E quando alguém lhe pergunta: o que você acha das mulheres? Ele dubiamente responde: "Ah! são ótimas, ótimas". A liberalização sexual da mulher recebe total apoio dos "compreensivos", que chegam até a ser entusiastas: "Todos têm direito a sua sexualidade, eu não consigo imaginar alguém que fique por 20 anos sem fazer amor. É um absurdo, uma agressão. A mulherada tem mesmo é que se explicar. Abaixo as virgens!". Estes só concebem duas virgindades sagradas: a de sua mãe e da futura patroa.

Na área da sexualidade é que a porca torce o rabo, ou melhor, o porco. Há algum tempo atrás, descobriram um tipo que vive com uma mula. Outro que é parceiro de uma macaca, e mais uma infinidade de casos de concubinato bizarro. Talvez isso venha a provar o quanto a mulher é considerada objeto, ou seja: tanto faz mula, gatos e lagartos, o que vale mesmo é a prática sexual. Mas também, com tanto apelo, não há quem resista. Atualmente até mesmo publicidade de galocha é feita por mulher pelada. A ideia de fêmea-objeto acaba entrando fundo no cérebro do cristão, e motivando pensamentos como este: "As três coisas que dão mais prazer a um homem são, mulher, latrina e dinheiro". Quem vomitou esta frase foi Daniel, vendedor de carro nas "bocas" da Barão de Limeira. Um

sujeito esquisito este Daniel. Não pela fatuagem de um punhal cravado em um coração e que traz a singela palavra Mãe, mas por suas atitudes. Todas as moças que passam por sua frente merecem sua atenção, até parece que ele acabou de ser salvo de um naufrágio e não vê mulher há anos. "Depois dizem que boneca não anda" diz para uma: "Se eu tivesse o seu corpinho, estaria rico", apedreja para outra. Sua esposa, ao que parece, come o pão que o capeta amassou com o rabo. Segundo sua filosofia de vida: "Mulher tem que ser tratada no cacete, bobeou elas te montam em cima. Não dou moleza, não estou afins de virar Viking."

São tantos os que pensam como Daniel, que nos Estados Unidos uma editora resolveu lançar uma revista que em pouco tempo já virou best-seller: "The Male-Chauvinist". Em seu primeiro número, traz na capa duas sedutoras mulheres beijando o pé descalço de um machão que veste smoking e está sentado num tronco. Dentro, artigos curiosos: "Como enganar sua mulher e sair com a secretária", "Como manter a mulher em seu devido lugar", "Não seja um palhaco, não se deixe dominar pela cretina de sua esposa". Fazem uma entrevista completa com o "Macho do Mês", um australiano que tem a seu dispor meia dúzia de fêmeas que são trocadas a cada ano. Em determinado ponto da entrevista o "nababo" diz: "Sou muito exigente com carros e mulheres. Todos os anos troco minha frota por outra nova de zero quilômetros, afinal vivemos numa sociedade de consumo, depois de um ano as coisas ficam velhas". Compreende-se aí que o Barba Azul troca também e por iguais motivos sua "frota de mulheres".

O semblante dos editores dessa revista não podiam ser mais significativos. O editor chefe, se vivesse no Brasil, estaria perdido, fatalmente teria virado feijoadado, pois ele é o próprio porco. Segundo sua maneira de encarar a vida: "Deus fez o homem e depois a mulher. Isto porque o Senhor precisava arranjar um meio da gente se divertir. E deu certo, pois até mesmo o Movimento Feminista nos é muito divertido".

A luta continua: Millôr Fernandes diz que embate entre homem e mulher deve ser sempre na horizontal. Resume assim a maneira com que os machistas encaram a tal "luta". Mas as maneiras de ataque são variadas. Uma das melhores armas do exército chauvinista é sem dúvida a "Grande Queima de Washington". Foi quando a "mulherada" — como dizem os machistas — sob o comando do "general Betty Friedman, flambou seus soutiens "em frente ao Capitólio. "Uma grande mancada", segundo Zé Carlos, um estudante de Administração de Empresas. Ele garante que o movimento feminista caiu muito em descrédito e que deu chance para o revide: "Vê se pode, por fogo em sutien. Claro que concordo com a queima, detesto essa peca íntima, são terríveis, mas como tática de movimento é de fazer rir".

O folclore do feminismo faz com que sua importância fique relegada à chacota. Sem dúvida esta é maior arma machista: desviar a atenção do fato para o sarcasmo. Por isso o surgimento de um sem números de piadas e ironias, tais como a frase de Millôr: "O melhor movimento feminino ainda é o dos quadris". Mas com ou sem "gracinhas", a luta pela igualdade prossegue e, pelo que se pode perceber, a vantagem está com as mulheres, pois a mudança do comportamento chauvinista é notória. Muito embora o porco do Mindy continue dizendo: "O que é do Homem, o bicho não come".

Mulheres prometem mais luta

Cerca de 700 mulheres participaram do encerramento na última quinta-feira do 1.º Congresso da Mulher Paulista fazendo as seguintes reivindicações: "Melhores salários para todos os trabalhadores; direito de greve; equiparação salarial de homens, mulheres e crianças; contra o trabalho noturno para ambos os sexos; que as empresas aceitem pessoas com mais de 35 anos; por melhores condições de vida, moradia e trabalho; pela profissionalização das mulheres; pela oportunidade de trabalho para as mulheres casadas; pela garantia de emprego para a gestante e que as mulheres não sejam obrigadas a provar que não estão grávidas quando vão se admitidas no emprego; pelo fim da educação repressiva e diferenciada entre os sexos; contra o uso de contraceptivos sem assistência médica regular e frequente; pela instalação de creches gratuitas próximas aos locais de moradia e trabalho; pelo direito de se organizar e expressar livremente; pela Anistia Ampla Geral e Irrestrita".

Como lutas prioritárias foram apontadas as seguintes: "Creches totalmente financiadas pelo Estado e empresas, próximas aos locais de moradia e trabalho, que não sejam meros depósitos de crianças e que contem com a participação dos pais na orientação pedagógica; pela equiparação salarial por trabalho igual, salário igual; por melhores salários para todos os trabalhadores; contra o Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco; pelo direito e condições sociais que permitam realmente optar por ter ou não ter filhos em bom estado de saúde e demais garantias de vida".

Com o teatro inteiramente lotado, o encerramento do Congresso teve início às 20:30, com a apresentação das mulheres que integravam a mesa: Raquel Moreno, Solange Padilha do "Nós Mulheres", Valquíria da Casa de Cultura de Guarulhos, Cleide do Serviço de Orientação Familiar, Iara do Jornal "Brasil Mulher", Ivani da Oposição Sindical Sabesp e Cebes, Cida da Associação das Donas de Casa, Cida da Frente Nacional do Trabalho, Cida metalúrgica, Lida da Associação das Mulheres, e Clarice Herzog, Regina Estela, do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, presidia a mesa.

Anunciou-se um lugar simbólico a Flávia Schilling, presa no Uruguai, e uma homenagem foi prestada a Eneida de Castro Solero, que presidiu a mesa nos trabalhos do fim-de-semana e no dia seis deu à luz um menino. Foi lida uma longa lista de agradecimentos às pessoas "sem as quais esse Congresso não poderia ser realizado". A primeira era Ruth Escobar, seguida de sua mãe, Marília, "uma companheira de 73 anos que trabalhou ombro a ombro conosco nestes três dias, e a quem oferecemos um cravo vermelho".

Em seguida, Raquel Moreno fez um histórico do Dia Internacional da Mulher, incluindo na lista de agradecimentos as 129 mulheres anônimas que em 1857 reivindicaram nos Estados Unidos, pela primeira vez, a melhoria da situação da mulher trabalhadora. "Que esse 8 de março de 1979 seja um novo marco da nossa história, de uma luta ativa, forte e unida em busca da modificação desta sociedade que é responsável por nossa situação".

Cida metalúrgica - elas preferem ser chamadas assim, sem sobrenome - passa en-



Uma proclamação final no encerramento do Congresso das Mulheres Paulistas.

tão à leitura do documento do Congresso, que terminava dizendo: "Em todos os grupos de discussão do Congresso, percebemos, mais uma vez, que os nossos problemas não se resolverão enquanto não mudar esta sociedade em que vivemos. Por isso, decidimos fortalecer os movimentos mais consequentes da sociedade não mais para aumentar o número de pessoas que eles agregam, ou para desempenhar as tarefas de interesse geral, que "os outros" não têm tempo de fazer; propomo-nos, daqui para a frente, a atuar ainda mais nos grupos femininos, nos bairros, nos sindicatos e associações, levando também para dentro deles nossas reivindicações específicas e fazendo com que os seus componentes assumam e lutem também por creches, equiparação salarial, iguais oportunidades de trabalho e de formação, socialização do trabalho doméstico.

Apoiaremos esses movimentos não mais como "companheiros", mas como mulheres orgulhosas de sê-lo, como companheiras que têm suas lutas específicas que a todos devem interessar".

Essas palavras resumem as palavras de todos os oradores e participantes do Congresso que colocavam a luta contra a discriminação da mulher no contexto de exploração em que se encontra a maioria da sociedade brasileira. A necessidade de união das mulheres foi muito lembrada, segundo Dona Ana, camponesa aposentada ("por meu próprio esforço") de Mauá. "Eu vou morrer porque já estou com 60 anos, é demais. Mas deixo a luta para vocês. Se nossos avós, nossos antepassados tivessem se unido mais, hoje nós não estaríamos sofrendo".

Dinha, metalúrgica, denunciou o uso da mulher para o rebaixamento geral dos salários; Dina, da Associação das Donas de Casa, falou sobre a desvalorização do trabalho doméstico, pela sociedade e pela própria mulher, da carestia da vida e das más condições de vida nos bairros; Manuel, metalúrgica de São Bernardo, denunciou as perseguições aos operários que participaram das

greves do ano passado e pediu a solidariedade de todos os presentes.

A chegada de Tereza Fiel interrompeu os depoimentos para uma homenagem emocionada. Várias moções de apoio foram lidas, entre as denúncias dos presos políticos de São Paulo pela proibição de visitas de amigos; contra o projeto do senador Gilvan Rocha; em repúdio as comemorações do Ano Internacional da Criança feitas pelas rádios e televisões; em apoio a Angela, que denunciou irregularidades na Febem; em apoio à luta pela preservação da Amazônia, em solidariedade à luta das mulheres no Irã, Nicarágua Latina. Da Cidade Universitária, chegou uma moção de apoio de alunas, funcionárias e professoras da USP, que se reuniram para discutir a discriminação da mulher.

As mulheres presentes foram convidadas a participar de uma reunião dia 19, às 19 horas, no Sindicato dos Bancários, rua São Bento, 165, para discutir o encaminhamento da luta por creches. E anunciou-se uma outra reunião, daqui a um mês, entre as entidades organizadoras do Congresso, para se definir como dar continuidade ao Congresso.

Do plenário, várias mulheres se pronunciaram: em solidariedade a Elza Moncart, 60 anos, única presa política em São Paulo; para que se promovam outros congressos durante o ano e salam delas mulheres candidatas a cargos políticos; pela necessidade da mulher se profissionalizar, pela sindicalização das bancárias. O Movimento Negro Unificado registrou sua presença.

Agradecendo a homenagem e dando seu apoio à luta das mulheres, Clarice Herzog encerrou o Congresso. Todas leram juntas, então, as suas reivindicações. Resta saber se a união proclamada será sólida e duradoura. Pois a maior expectativa do Congresso, a formação da Frente de Mulheres, não foi concretizada. Ela poderá surgir, entretanto, no próximo dia 19, na reunião na sede do Sindicato dos Bancários.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

Jornal: *PETROLÉO*Data: *11/03/79*Pág. *—*

Pasta n.º

N.º do recorte

Nestlé se afirma F vítima de calúnia

VEVEY — A Nestlé, maior firma suíça protestou ontem em Vevey contra as "campanhas de difamação" e tentativas de boicote de que é alvo em razão de suas atividades no Terceiro Mundo.

Num folheto intitulado "Nestlé e a alimentação infantil no Terceiro Mundo", a empresa procurou rechaçar as críticas que lhe são dirigidas por várias organizações, entre elas a Infact (Infant Fórmula Action Coalition) que recentemente lançou nos EUA uma ação de boicote contra a empresa.

A Nestlé sustenta que continuará vendendo alimentos infantis no Terceiro Mundo, e que eles "são tão necessários nesses países quanto no nosso para todas as mães que não podem alimentar por si mesmas seus filhos".

A Sociedade nega ter benefícios às custas da saúde dos consumidores, e diz que sofre esses ataques porque fabrica com êxito alimentos infantis há mais de um século, e que atua nos países em desenvolvimento há várias décadas. A empresa assinalou que cada denúncia é examinada cuidadosamente para corrigir eventuais falhas.

O documento diz que a Nestlé tem uma cifra de negócios de aproximadamente 20 bilhões de francos suíços (cerca de US\$ 10 bilhões) e que nesse montante os alimentos infantis representam apenas 7,3 e o leite para bebês do Terceiro Mundo apenas 2,5%.

Ano Internacional da Criança

C.P. 90 15/3/79 186
Pobres carentes, carentes ricos

A realização de um programa de comemoração evangelizadora, no 20.º ano da Declaração dos Direitos da Criança, necessita ser fundamentada no conhecimento básico e na visão cristã da situação do menor na realidade brasileira.

Uma rede de instituições educacionais e assistenciais do Estado e de particulares procura promover e educar o menor no Brasil. Ao lado do que se busca realizar, manifesta-se a problemática do menor subdesenvolvido, carente, abandonado, marginalizado, com uma percentagem no submundo do crime. São seres humanos privados de recursos para as necessidades básicas da vida, habitação, alimentação, saúde, educação, lazer, segurança social e outros bens do desenvolvimento humano.

São "carentes", porque seus pais ou responsáveis não têm condições de atendimento às suas necessidades. São "abandonados" porque não têm pais ou responsáveis para seu atendimento. São "marginalizados" porque não têm participação nem lugar na sociedade e são vítimas de tantas disfunções sociais. São eles que devem ter prioridades nas intenções e atenções desta Ano Internacional da Criança.

Doutra parte, há menores que usufruem dos bens do desenvolvimento para suas necessidades básicas, numa escala variada de possibilidades de acesso a esses bens, mas que são vítimas de outras disfunções e males sociais, desde a carência afetiva dos pais e da família, até o submundo do tóxico e do crime também.

A pobreza de uns, a riqueza de outros, a carên-



cia de educação, a desagregação da família e a permissividade multiforme para todos causam a problemática do menor. O problema do menor é típico da sociedade de hoje. E os fenômenos deste problema emergem ante a percepção de todos, são divulgados e estão aí.

Que tipo de sociedade cria esta situação? Que fazer para a criança e o menor na situação social de hoje? Que mecanismos corretivos procurar para as disfunções sociais? Onde estão as raízes das disfunções sociais que impedem a criança de ser ela mesma e de ser "gente"?

REFLEXÃO E AÇÃO PASTORAIS

As comemorações do

AIC têm o objetivo principal de serem momentos de evangelização. São fundamentais desta evangelização:

A Palavra de Deus e sua iluminação da história e da criança na história, hoje: A doutrina da Igreja: Documentos Conciliares do Vaticano II — principalmente "Gaudium et Spes", "Gravissimum Educationis", "Apostolicam Actuositatem" — Evangelii Nuntiandi — Linhas Catequéticas e Pastorais do Sínodo/1977 — Discurso de Paulo VI ao Diretor da UNICEF — Documentos da Santa Sé e da CNBB sobre educação — Declaração dos Direitos da Criança.

Comitê para a Família e Conselho dos Leigos —

Direitos da Criança na Família — Direitos antes de nascer; Direito de nascer numa família; Direito de ser educado numa família; Direito de receber a verdade; Importância dos pais na educação da criança; Direitos da Igreja na educação da criança.

O Lugar da Criança — Infância — etapa necessária para a humanização da pessoa e da sociedade; A criança e suas capacidades próprias; A criança — sua participação na família e na comunidade; A criança e o trabalho profissional dos pais; Qualidade do amor familiar; A criança, como pessoa e como filha de Deus — seu valor e seu destino à Santidade.

CONCLUSÃO

A equipe de trabalho incumbida de propor as pistas de um programa — sugestão para o Ano Internacional da Criança iniciou e continua realizando uma coleta de dados, para se averiguar o que se realiza pela criança e o que impede de ter acesso aos bens da vida. Pretende elaborar uma reflexão, analisando e aprofundando os itens expostos neste programa e outros necessários, para a utilização da ação pastoral, pela pessoa-menor. Enviará esta reflexão e cópia da Declaração dos Direitos da Criança, possivelmente com referências da Bíblia. E pede aos Agentes de Pastoral e às Instituições Religiosas que comuniquem a Linha/3 — Catequese, seus programas de comemoração do AIC e outros congêneres de entidades governamentais ou particulares de suas regiões e ambientes.

VÁRIAS Aberturas?

Alguns exemplos de ações nada típicas de um regime em franca abertura foram dados durante a semana:

- No domingo, em São Paulo, durante o jogo entre Santos e Palmeiras, dois jovens torcedores tentaram repetir uma manifestação já acontecida no meio da torcida do Corinthians há algumas semanas: abriram uma faixa exigindo anistia, ampla, geral e irrestrita. Foram imediatamente presos e levados ao DOPS, enquanto o chefe da torcida santista, por trás da qual foi erguida a faixa, também foi detido e declarou ter sofrido pressões.

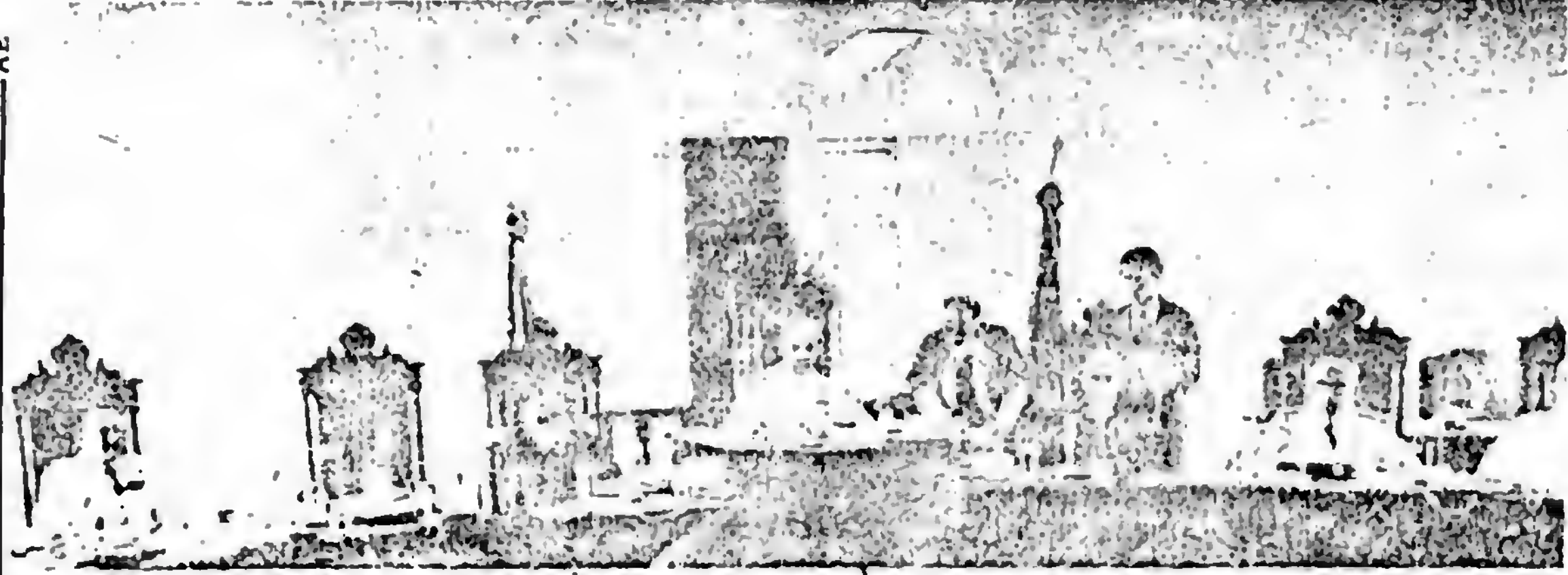
- Na segunda - 5, o sociólogo Antônio Rangel Torres, ex-líder estudantil no Rio, impetrou mandado de segurança, pois, desde que voltou ao país, no dia 21 de fevereiro, vem sendo submetido a constantes interrogatórios, pela Polícia Federal e pelo DOPS.

- No dia 6, dona Ingeborg Schilling, mãe de Flávia Schilling, quando chegou a Porto Alegre, vinda do Uruguai e pretendendo seguir para Brasília a fim de solicitar ao governo providências para libertar sua filha da absurda prisão a que se encontra submetida no uruguai, foi detida pela Polícia Federal e teve seu passaporte apreendido, além de ser "convocada" para prestar depoimento.

- A semana passou sem que o governo trouxesse de volta (como era de se esperar) a romena Sanda Bratosin, ilegalmente expulsa por ordem do ministro da Justiça Armando Falcão, contra decisão do Tribunal Federal de Recursos, no dia 19. A única providência tomada pelo Ministério foi alegar que Sanda, que é casada com brasileiro e tem uma filha nascida aqui no país (o que lhe garante duplamente a permanência no Brasil), teria perdido seus direitos por ter deixado a filha com uma família, em Piracicaba. O Ministério só não explica que isso aconteceu porque a polícia prendeu Sanda e o marido.

- No dia 7, parlamentares da cúpula arenista anunciaram que o governo vai dar anistia, mas que Miguel Arraes será excluído porque é dirigente do Partido Comunista Brasileiro. Disseram também que 20% dos asilados ficarão de fora dessa anistia parcial.

- No mesmo dia 7, funcionários do Ministério da Previdência Social denunciaram a continuação do cadastramento ideológico das seções do Ministério, através de fichas elaboradas e coletadas por uma tal Assessoria Especial Serviço de Informações.



O STM sem Rodrigo Otávio: um perigo a menos para o governo Figueiredo, que já tem problemas demais. A esquerda, o general preterido por suas pregações liberais, e Reynaldo Almeida, novo presidente do Supremo graças às articulações do brigadeiro Délio Jardim, Golbery e Figueiredo.

MILITARES: STM E ESG

A volta da "Bússola Quebrada"

A derrota do general Rodrigo Otávio Jordão Ramos nas eleições para a presidência do Superior Tribunal Militar, na segunda-feira da semana passada, souo como um alerta para os que ainda creditavam que o regime está disposto a perder as rédeas da propalada "abertura". A praxe do STM é eleger seu presidente, a cada dois anos, escolhendo para o posto o mais antigo membro de uma das armas, o Exército, Marinha e Aeronáutica em rodízio. Desta vez, rompendo a tradição, foi eleito por nove votos contra seis, o general Reynaldo Melo de Almeida, ao invés do candidato natural, o general Rodrigo Octávio, conhecido por sua pregação liberal nos últimos dois anos. Não pairou nenhuma dúvida de que a eleição de Reynaldo foi articulada pelo Palácio do Planalto, e o brigadeiro Délio Jardim de Mattos, membro do STM e futuro ministro da Aeronáutica é apontado como o principal responsável pelas manobras palacianas. Délio é amigo íntimo de Figueiredo, e mais ainda Golbery, e foi um dos mais ardentes articuladores de sua candidatura nos meios militares. Os derradeiros detalhes do último golpe do Planalto foram acertados nos dias de carnaval no Rio de Janeiro. Mas, segundo alta fonte do Ministério da Aeronáutica, as articulações para a derrota de Rodrigo Octávio começaram a ser feitas desde agosto do ano passado, depois do episódio de despedida do general Augusto Fragoso do STM, quando o general Octávio fez um violento discurso em que pedia a redemocratização e defendia a anistia.

A presença de Rodrigo Octávio na presidência do STM poderia trazer ainda mais complicações ao governo de Figueiredo, que se instala com problemas sobrando antes mesmo da sua posse nesta quinta-feira.

Com a eleição de Reynaldo, o regime mata dois coelhos com uma cajadada: afasta Rodrigo Octávio do STM, que afinal era uma tribuna para seus pronunciamentos e força o general a pedir passagem para a reserva, abrindo uma vaga para general de Exército. No dia seguinte à eleição, Rodrigo Octávio entrou em licença especial de 30 dias, e manifestou a pretensão de antecipar sua saída do STM logo após cumprir licença. Adiantou que pretende fazer a despedida por carta, onde vai relatar o que fez durante a sua permanência no STM, mas certamente não deixará de criticar novamente o regime. Em seguida pedirá passagem para a reserva, o que normalmente só ocorreria em julho de 1980.

A notícia da derrota de Rodrigo Octávio repercutiu intensamente no Congresso e causou certo

constrangimento nos meios militares. "A rejeição do nome do ministro estorrece todos aqueles que de alguma forma acreditam que o Brasil está ingressando em uma nova era", declarou o senador Roberto Saturnino.

O deputado estadual paulista Fernando Morais achou que o acontecimento é lastimável, "logo agora que se luta mais intensamente pela anistia". As previsões para o STM é de que haverá um endurecimento em suas decisões, justamente quando entrarão em julgamento processos importantes como os que envolvem o ex-governador gaúcho Leonel Brizola.

Enquanto isso, já se especulava um nome para ocupar a vaga a ser deixada por Rodrigo Octávio e o nome mais lembrado na semana passada era o do atual chefe do Departamento do Pessoal, Antonio Carlos de Andrade Serpa, que ultimamente tem sido apontado como o militar capaz de reunir em torno de si uma possível dissidência de direita do regime. Para alguns a ida de Serpa para o STM é uma forma que o governo encontrou para reduzir sua movimentação nos meios militares. Já para outros, o governo teria entrado em acordo com ele e, na expressão de um militar dissidente, "se isto for confirmado, Serpa recuou por muito pouco".

A vitória de Reynaldo para a presidência do STM deixa claro que o Executivo continua controlando o Judiciário.

Fazendo eco ao clima de ebulição criado no STM, ainda na terça-feira da semana passada, o ministro chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general José Maria de Andrade Serpa, irmão do general Antonio Carlos de Andrade Serpa, fazia novas declarações na aula inaugural da Escola Superior de Guerra, investindo contra a concessão da anistia e a reformulação partidária. O general José Maria de Andrade Serpa, como se sabe, não é voz isolada nas Forças Armadas. Seu irmão, o general Antonio Carlos de Andrade Serpa e os generais Milton Tavares de Souza, Arnizaut de Mattos e Ramiro Tavares Coelho, este da reserva, citados na matéria "A extrema direita quer fechar tudo", publicada na edição de Movimento da semana passada. Também são identificados como insatisfeitos com a atual abertura política os generais Coelho Neto (que até há pouco tempo serviu no Centro de Informações do Exército), Carlos Alberto Cabral Ribeiro (que foi um dos principais articuladores da candidatura Frota e hoje ministro do Superior Tribunal Militar), Heraldo Tavares Alves (atualmente servindo em Brasília), Ruy de Paula Coutto (recentemente promovido a general de Exército), e ainda o chefe do Centro de Informações da Aeronáutica (Cisal), brigadeiro Vassallo.

A respeito das reações à abertura,



Brizola na TV Bandeirantes: "O povo precisa de carinho".

registre-se ainda a volta à circulação do boletim ultra-direitista "Bússola Quebrada". Com data de 5 de março e postado no Rio de Janeiro, o boletim foi entregue pelo Correio, no meio da semana passada, na residência de inúmeros militares residentes em Brasília. Grampeado ao boletim vinha um bilhete que reclamava da apreensão da última edição por "patrulhas ideológicas" (sic), e explicava que aquela era uma reedição da edição apreendida. O boletim, como em seus números anteriores, trazia críticas de baixo calão aos diversos militares, principalmente militares que apoiaram a candidatura do general Euler, além de irônicos ataques à abertura política. Segundo militares dissidentes, a autoria desses boletins seria de membros do SNI descontentes com a abertura.

Antonio C. Queiroz e Teodomiro Braga

BRIZOLA

A moderação dos cabelos brancos

O ex-governador Leonel Brizola tem conseguido certos privilégios não concedidos a nenhum outro exilado político brasileiro. Já por duas vezes falou através da televisão, o veículo de comunicação mais importante do país e também o mais controlado. Nessa segunda vez, Brizola apareceu no programa "Encontro com a Imprensa", da TV Bandeirantes de São Paulo, levado ao ar no último dia 5, às 11: da noite. Durante mais de 1 hora, ele respondeu a perguntas de Waldo Dantas Ferreira, diretor de Jornalismo da Rede Bandeirantes, e de Roberto D'Ávila, correspondente da emissora em Paris.

O programa foi gravado num estúdio da televisão francesa em 24 de dezembro do ano passado e só levado ao ar agora por problemas técnicos, segundo fontes da TV Bandeirantes.

A própria emissora divulgou que, antes da gravação, Brizola e Ewaldo Dantas chegaram a um acordo sobre a entrevista: o ex-governador não teria conhecimento prévio das perguntas e tudo o que ele respondesse seria respeitado pela TV Bandeirantes. Ficou acertado "que o debate deveria ser uma conversa entre cavalheiros".

A entrevista mostrou o antigo líder do PTB, que antes do golpe de 64 dizia que as reformas deviam ser feitas "na lei ou na marra", tal como ele é hoje: um homem esquivo às perguntas diretas, que prega a "conciliação" e que combate a "radicalização".

Leonel Brizola, referindo-se às suas antigas e contundentes críticas aos EUA, disse que "na nossa época não só havia uma visão de nossa parte um pouco deformada, como também os Estados Unidos tinham uma outra postura internacional". Elogiou a política externa do presidente norte-americano Jimmy Carter e sustentou que "realmente os Estados Unidos mudaram muito", o que o fez revisar "muitas coisas, muitos conceitos".

Atribuiu a sua atual moderação a uma evolução natural da idade e a seus "cabelos brancos". "Acho que todo esse tempo", disse Brizola, "permitiu a todos nós - e espero que a ambos os lados - refletir, meditar sobre um conjunto de problemas, aprofundar, estudá-los melhor". Mas não foi capaz de precisar - apesar das insistentes perguntas dos jornalistas - qual a visão que formou sobre os problemas do país após esse processo de reflexão.

Apesar das respostas vagas e do tom extremamente conciliatório que manteve ao

longo de todo o programa, seus entrevistadores conseguiram que em raríssimas oportunidades ele fornecesse alguma opinião mais objetiva, além de sua conhecida posição em defesa da reorganização do PTB.

"Há uma razão de ser da minha volta", disse Brizola. "O país precisa de uma reconciliação, de um desarmamento de espírito, de uma anistia, que todo mundo volte a sonhar, porque o nosso povo está carente de carinho". E também explicou o que significa para ele a palavra anistia: "Anistia para mim é o esquecimento", disse Brizola, completando que não devemos "invocar o nosso passado, a não ser no sentido histórico e construtivo, ao retirar dele lições".

A entrevista com Brizola que, segundo fontes da própria emissora, alcançou elevado índice de audiência para o horário, teve um grande mérito: pela primeira vez ele falou longamente ao vivo para uma parcela da população. Possibilitou o confronto de suas palavras com as declarações de muitos daqueles que se dizem seus porta-vozes. Há pouco tempo, um de seus mais destacados e sérios porta-vozes declarou que Brizola representou o setor mais avançado dentro do PTB, pela sua posição antiimperialista, pela luta que travou em favor da reforma agrária, pela busca de uma identidade ideológica para o PTB. Segundo ele, em relação a esses princípios, Brizola não mudou, "amadureceu". Mas, infelizmente, a entrevista não confirmou nada disso.

Marcos Gomes

VÁRIAS Aberturas?

Alguns exemplos de ações nada típicas de um regime em franca abertura foram dados durante a semana:

- No domingo, em São Paulo, durante o jogo entre Santos e Palmeiras, dois jovens torcedores tentaram repetir uma manifestação já acontecida no meio da torcida do Corinthians há algumas semanas: abriram uma faixa exigindo anistia, ampla, geral e irrestrita. Foram imediatamente presos e levados ao DOPS, enquanto o chefe da torcida santista, por trás da qual foi erguida a faixa, também foi detido e declarou ter sofrido pressões.

- Na segunda - 5, o sociólogo Antônio Rangel Torres, ex-líder estudantil no Rio, impetrou mandado de segurança, pois, desde que voltou ao país, no dia 21 de fevereiro, vem sendo submetido a constantes interrogatórios, pela Polícia Federal e pelo DOPS.

- No dia 6, dona Ingeborg Schilling, mãe de Flávia Schilling, quando chegou a Porto Alegre, vinda do Uruguai e pretendendo seguir para Brasília a fim de solicitar ao governo providências para libertar sua filha da absurda prisão a que se encontra submetida no uruguai, foi detida pela Polícia Federal e teve seu passaporte apreendido, além de ser "convocada" para prestar depoimento.

- A semana passou sem que o governo trouxesse de volta (como era de se esperar) a romena Sanda Bratosin, ilegalmente expulsa por ordem do ministro da Justiça Armando Falcão, contra decisão do Tribunal Federal de Recursos, no dia 19. A única providência tomada pelo Ministério foi alegar que Sanda, que é casada com brasileiro e tem uma filha nascida aqui no país (o que lhe garante duplamente a permanência no Brasil), teria perdido seus direitos por ter deixado a filha com uma família, em Piracicaba. O Ministério só não explica que isso aconteceu porque a polícia prendeu Sanda e o marido.

- No dia 7, parlamentares da cúpula arenista anunciaram que o governo vai dar anistia, mas que Miguel Arraes será excluído porque é dirigente do Partido Comunista Brasileiro. Disseram também que 20% dos asilados ficarão de fora dessa anistia parcial.

- No mesmo dia 7, funcionários do Ministério da Previdência Social denunciaram a continuação do cadastramento ideológico das seções do Ministério, através de fichas elaboradas e coletadas por uma tal Assessoria Especial, Serviço de Informações.



500 mulheres eufóricas, aplaudindo de tudo



As mães debatiam e 240 crianças brincavam na creche

O CONGRESSO DAS MULHERES PAULISTAS

Não contra o homem e sim contra o sistema

O 1º Congresso da Mulher Paulista acabou dia 8, quinta-feira, Dia Internacional da Mulher. Na Carta de Resoluções, dez reivindicações apareceram. Delas, apenas quatro dizem respeito diretamente à mulher: sua profissionalização, garantia de estabilidade na gestação, equiparação de seu salário ao do homem e creches públicas nos bairros e nas fábricas.

As outras seis exigências não são específicas: as mulheres querem também direito de greve, o fim do trabalho noturno para todos, a garantia de emprego para pessoas de mais de 35 anos, e menores, o fim da educação repressiva, e, como não poderia deixar de ser, liberdades democráticas.

Foi só deixando as particularidades do problema da mulher de lado que as dez entidades femininas que idealizaram o Congresso conseguiram atravessar cinco meses de discussão interna para chegar à organização do encontro. Que começou dia 3, prosseguiu dia 4 e foi encerrado, como vitorioso, às 23 horas de quinta-feira.

Vitorioso, para as organizadoras, porque conseguiram manter a unidade até o final e montar o embrião da "Casa da Mulher Paulista", uma espécie de coordenação unitária de todos os grupos femininos de trabalho que existem em São Paulo. Como o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, a Sociedade Brasil Mulher, Frente Nacional do Trabalho, Associação das Donas de Casa, Serviço de Orientação da Família, Nós Mulheres e outros. Entre as 50 participantes, o clima foi de euforia: a tudo se aplaudiu, desde a proposta de um dos grupos de eliminá-lo



Clarice Herzog e a mulher de Fiel Filho

hímem logo que a menina nasce, para acabar com o tabu da virgindade, até a opinião pessoal de uma relatora de conclusões de que "mulher rica faz aborto porque é sem vergonha". As duas idéias apareceram no fim da manhã de domingo, depois da discussão da única pergunta ligada à sexualidade, em todo o Congresso: causas da frigidez da mulher.

Apesar do pouco tempo dedicado a essa questão - na mesma manhã, gravidez e educação dos filhos também estavam na pauta -, a conversa sobre o assunto foi rica dentro de cada grupo, onde se misturavam donas de casa da periferia de São Paulo, operárias - principalmente metalúrgicas -, e profissionais liberais, com maioria para as primeiras. Em geral, as respostas dos grupos apontavam as más condições de vida de todos os trabalhadores como o motivo da falta de prazer. O grupo masculino acabou indo mais longe: o comportamento dos homens - que não admitem o direito da mulher ao sexo - é fator de falta de prazer feminino na relação conjugal. Poucos grupos de mulheres chegaram até aí.

O Congresso esteve, todo o tempo, mais preocupado com as condições de vida e trabalho do que com a discriminação baseada no sexo e a opressão direta do homem sobre a mulher.

Ressaltar que homens e mulheres devem lutar lado a lado por salários mais justos e esclarecer que a mulher, realizando o Congresso, não estava se opondo ao homem, mas unindo-se a ele, foram preocupações das organizadoras, que resultaram

nas reivindicações da Carta de Resoluções.

Também na discussão do trabalho doméstico, isso apareceu. Poucas vezes, a solução apontada para a sobrecarga da mulher que trabalha em casa e fora dela foi a divisão desse serviço com o marido.

Preferiu-se buscar a resposta em restaurantes e lavanderias públicas. E para a necessidade urgente de creches públicas, mantidas pelo governo e orientadas pelas mães. Em matéria de reivindicação específica, a exigência de creches foi a mais discutida. Em torno da luta por sua obtenção, deve se orientar todo o movimento de mulheres até o próximo Congresso.

E nas discussões sobre a participação política feminina, não se foi além da conveniência de criar Departamentos Femininos nos Sindicatos, Clubes de Mães e Associações de Donas de Casa nos Bairros e, também, de apresentar candidaturas femininas a vereadora e deputada.

• Na mesa que dirigiu os trabalhos de encerramento, participaram como convidados especiais: Clarice Herzog e Teresa Fiel, viúvas de Vladimir Herzog e Manuel Fiel Filho, ambas aplaudidas demoradamente.

• Clarice Herzog, num breve discurso, agradeceu a homenagem que encarou como "um ato de solidariedade à luta que a gente vem travando na defesa dos direitos humanos. E estendo essa homenagem a todas as mulheres que tiveram arrastadas de seu convívio pessoas da família". Com relação à realização do Congresso disse: "A luta que está sendo levada nesse momento me comove. Essa luta não está restrita ao dia-a-dia, é acima de tudo uma luta política. Essa é a única forma da mulher participar".

• Uma nova letra para a música *Feijoada Completa*, de Chico Buarque, iniciou e encerrou a última noite do Congresso. A letra de autoria do Grupo de Criação dos Publicitários de São Paulo, fala da importância da mulher na luta por melhores condições de vida:

Mulher você vai gostar, chegou a hora de você falar/
Deixa as crianças em casa com o marido/
E vem discutir sobre seus problemas doídos/
Creches, salários, problemas de cama e fogão/
E como enfrentar a situação
Mulher você vai notar/
Que os grandes problemas que você vai enfrentar/
Crescem e cada vez mais a fome aumenta/
Congelam o salário do pobre, mas a carne não/
E todo dia aumenta o lucro do patrão/

Mulher, você vai chorar, mas é preciso lutar pra melhorar/
Não adianta reclamar sozinha no portão/
Precisa juntar forças e dar as mãos
Senta, discuta, exija, reclama
melhor situação/
Vida decente pra você e pra nação.

Mônica Teixeira e Tânia Angarani

SEXO,
MULHER &
TRABALHO

Durante o 1º Congresso da Mulher Paulista, realizado em São Paulo dias 3, 4 e 8 deste mês, dois temas de discussão interessaram mais que quaisquer outros às 500 mulheres presentes. Um deles, a dificuldade que encontram para se profissionalizar. Outro, os motivos que as impedem de obter plena satisfação sexual. Aprofundar o debate das 2 questões foi o objetivo do Movimento ao reunir na última terça-feira, sete participantes do Congresso para conversar mais sobre a vida de homens e mulheres no trabalho e a sexualidade feminina.

Por três horas, dois operários, uma dona-de-casa, um funcionário público, uma assistente de enfermagem e ex-operária, além de uma ginecologista e um jovem médico discutiram trabalho e amor.

A conclusão principal: a opressão que o homem exerce sobre a mulher é, neste momento, secundária em relação à situação social insatisfatória que ela vive. A falta de informação sobre sua potencialidade sexual e o medo de uma gravidez não desejada aliam-se a isso para limitar ainda mais o prazer da mulher. Esse estado de coisas ela quer modificar. Nós também. Por isso, desde novembro passado, Movimento começou a recolher material com as próprias mulheres para publicar uma ampla reportagem sobre o assunto. Apenas anunciar o nosso interesse e veicular um questionário sobre a vida sexual feminina fez se voltar sobre nós o arbítrio da Censura. Em janeiro, fomos proibidos de publicar a reportagem, antes mesmo de a termos escrito, sob ameaça de apreensão.

Movimento não aceitou a proibição e lutará, de todos os modos, para se opor à decisão do Ministério da Justiça.

Este debate, que não encerrou a discussão, mostra, mais uma vez, a atenção que merecem os problemas da mulher brasileira.

Debate entre homens e mulheres do povo conclui:

SEM DINHEIRO,
NÃO PODEMOS TER
PRAZER SEXUAL!

Por Mônica Teixeira e Tânia Angarani

Movimento - Sabe-se que o salário da mulher é mais baixo que o do homem e que, a ela, fica reservada a função menos especializada das diversas categorias profissionais. Por que isso acontece?

Maria Aparecida Ventura da Costa - A mulher é educada diferente do homem, porque nasce para casar, para ter filho, cuidar da casa. Então, quando começa a trabalhar, ela vai para ajudar o homem e, parece que o dinheiro dela é uma complementação. Isso desvaloriza muito a mulher e vem desde criança, põe isso na gente, o serviço da mulher não tem o mesmo valor. E isso não é nem culpa da gente e nem culpa do homem, é problema da sociedade e do governo.

A mulher, mesmo que trabalhe ganhando pouco, fica contente com isso, porque ela não tem profissão, então quando ela acha um emprego já ajuda pra ela. Eu mesma, trabalhando lá onde estou, na Legião Brasileira de Assistência, estou contente com meu serviço. Minha mãe trabalha o dia inteiro, de faxineira, e pra ela está ótimo, porque no Metrô ela pode trabalhar à noite. De dia, faz o serviço de casa e ainda vai depois limpar uma fábrica. Nos dois serviços, ela ganha mil e novecentos cruzeiros, e tem o registro no Metrô. Ela está com 60 anos e trabalha umas doze horas por dia. Os homens do Metrô devem ganhar um pouco mais que ela.

Agora, eles dizem: você é mulher, esse dinheiro está bom. Mas e os homens, que têm que sustentar a casa, os filhos, tudo isso? Então eles acham que a gente é só pra ajudar.

"Quando engravida,
é demitida; quando
nasce o filho não
pode amamentar".

Albertina



Albertina Duarte Takiutix - (32 anos, casada, 2 filhos. Ginecologista, obstetra e presidente do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira). A mulher realmente tem salário mais baixo que o do homem, mesmo quando exerce a mesma função. A gente percebe, também, que ela tem menos garantias, é mandada embora quando fica grávida, não pode amamentar seu filho, pois tem que voltar rapidamente ao local de trabalho. Além de tudo, a mulher é explorada muitas vezes no sub-emprego: quantas mulheres são bordadeiras, costureiras, trabalham noite e dia e não são registradas e nem tem nenhuma garantia? Então, eu acho que o homem e a mulher têm que se unir na reivindicação por salários mais justos. A igualdade de salário da mulher e do homem tem que se dar nesse contexto, por garantias de trabalho para os dois.

Eu sou uma mulher que, como meus companheiros médicos, não tem direitos que outros trabalhadores já têm: férias, 13º salário. Até agora, já trabalhei em muitos lugares onde não era registrada, em lugares que não dão garantias nesse sentido. Mas, ainda acho que sou parte de um grupo privilegiado: o resto está numa situação extremamente difícil. As mulheres, é claro, devem levar suas bandeiras específicas de luta por garantias na gravidez, de saúde. Sem esquecer, porém, que também o trabalho, o homem ao lado dela, também está sendo explorado.

Charlene Prota Silveira - (32 anos, casada, ferramenteiro, sem filhos) - Entre os metalúrgicos, o processo é o mesmo. O regime explora a ambos, mas no caso da mulher a coisa se expressa de uma forma mais evidente, por uma estrutura anterior já existente. Como o menor, a situação social que herdamos faz com que a mulher, sendo tão explorada quanto o homem, tenha essa exploração acentuada, em qualquer categoria profissional.

Movimento - É verdade que a mulher é menos ativa do que o homem dentro da fábrica, no sindicato?

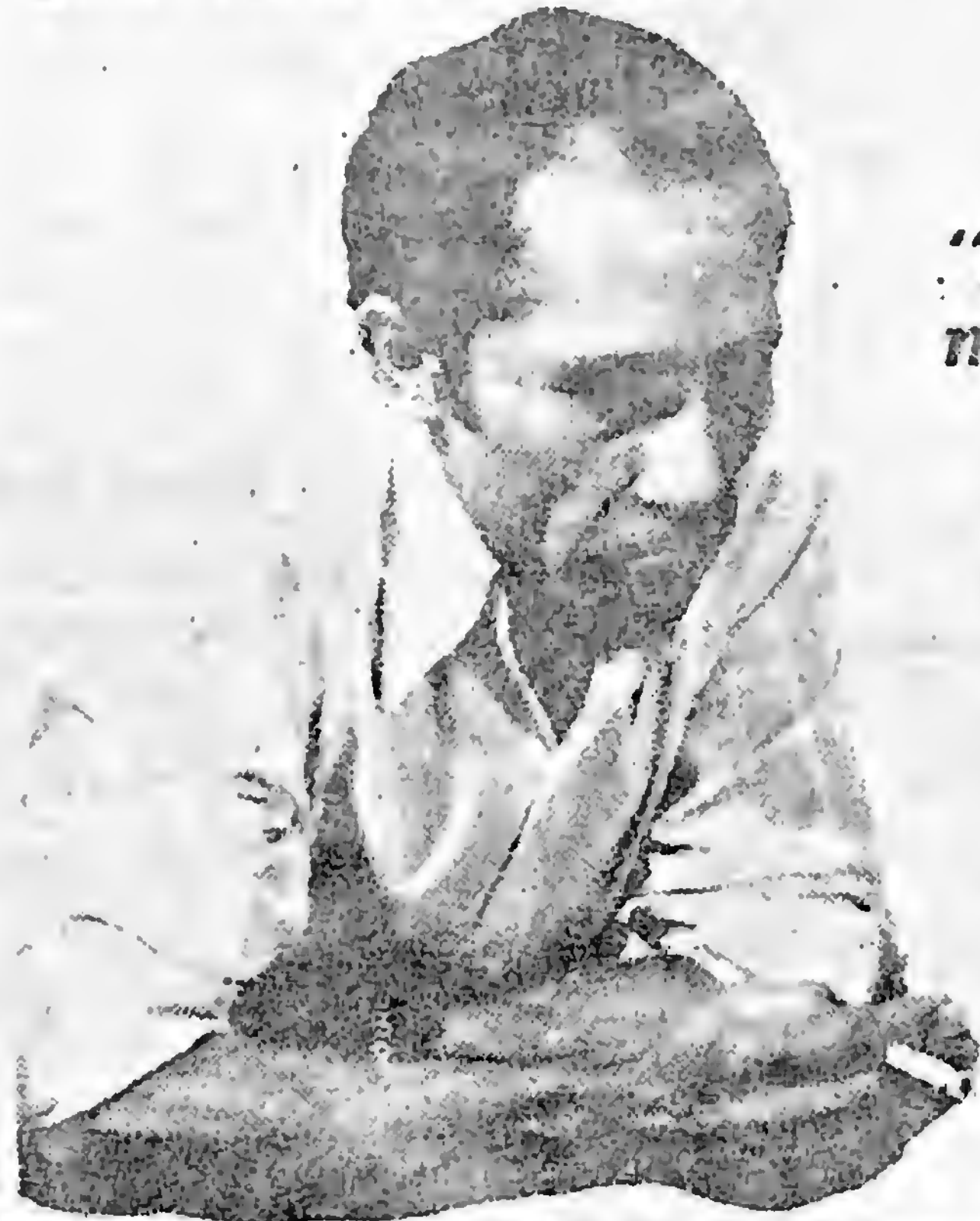
Silveira - Depende do momento. Determinadas situações fazem com que as mulheres sejam mais ativas, em momentos de decisão.

Movimento - Como é a participação, da mulher dentro de seu sindicato?

Silveira - No sindicato, a participação ainda é pequena, porque há muita trava no movimento sindical, que não tem interesse de incorporar a participação da mulher. e isso se reflete numa pouca participação sindical. A mulher é limitada por isso, mas sempre busca romper a trava, tanto é que na preparação da greve, a mulher teve uma participação muito importante, no sindicato, nas grandes assembleias, nas discussões.

Na categoria dos metalúrgicos a mulher trabalha em geral no setor de montagem, porque é o setor que requer menos esforço físico, requer mais dedicação específica, e são funções menos remuneradas. Por exemplo, em vez de fabricar uma peça, o trabalho da mulher é colocar um parafuso. O que não é feito no processo mecanizado é onde se emprega mulher, ou o menor. O número de operárias especializadas é mínimo.

Movimento - Há profissões específicas para homem e mulher?



"Acho que a mulher deve fazer o trabalho mais leve"

Raimundo

Raimundo Canuto Lopes (32 anos, casado, 1 filho. Marceneiro) - Eu acho que um serviço na parte de mecânica, a mulher não vai participar. Marcenaria também é um serviço muito pesado para mulher. Então, eu acho que a mulher só pode trabalhar mesmo num serviço de montagem, serviços mais simples. A mulher não pode trabalhar em determinadas funções porque não têm condições para isso, porque é trabalho pra homem.

Maria Aparecida - Aí eu descordo. Por exemplo, uma coisa que eu sempre quis ser é eletricista, e eu vou ser. Eu concordo que trabalhar em máquinas pesadas é difícil. Porque a gente sabe que as máquinas, eles fazem adaptadas ao homem. A mulher é que tem que se adaptar àquele jeito de trabalhar. Mas na hora que eles precisarem, viem que não tem homem, eles arranjam um jeito de a mulher fazer. Por enquanto, tem gente nesses setores, mas na hora que não tiver homem, aí a mulher vai servir para fazer esse tipo de serviço.

Albertina - Na medicina há realmente algumas discriminações. Por exemplo, quando comecei a dar plantão, só alguns hospitais é que tinham condições de alojar mulher, não havia banheiro para a mulher. Ela dava plantão e tinha de se trocar ao lado do colega, e também não tinha onde descansar algumas horas, porque não havia quartos. Eu mesma, no final do curso, quando tinha de fazer plantão, pedia aos meus colegas que esperassem para que eu pudesse tomar banho. Então muitos hospitais quase não aceitavam mulheres, só aquelas que tinham alguma especialidade, porque eles necessitavam da mão-de-obra. Mas, na verdade não tinham condições de alojá-las.

Hoje, apesar disso, a médica mostra em todas as especialidades que ela é capaz. Eu nunca me senti com menos habilidade do que meus colegas, e não conheço nenhuma médica que tenha menos habilidade. Ela trabalha tão bem quanto o homem, ela enfrenta plantão do mesmo jeito. Por isso eu acho que esse negócio de dizer que a mulher é mais frágil, precisa ser reconsiderado. O esforço da gravidez, da reprodução, é um esforço violento.

Movimento - O trabalho doméstico é leve?



"Serviço de casa é pesado, fico exausta de tanto trabalhar"

Maria das Graças

Maria das Graças Lopes (29 anos, um filho. É casada com Raimundo) - Eu sou dona-de-casa, e acho que é um trabalho muito esforçado. Começa quando a gente levanta, toma café, leva a criança até o banheiro e dá café a ela. Às vezes nem espero meu filho acabar, vou limpando o quarto, depois enfrento o tanque. Tem uma escada que subo e desço o dia inteiro. Eu lavo roupa para fora, três dias por semana.

Quando Raimundo chega do serviço, nem banho eu tomei, estou exausta de tanto trabalhar. Tem dias que eu nem janto. Se eu quiser assistir televisão, tenho que estar fazendo alguma outra coisa, senão não consigo, durmo logo. Esse serviço não é mole não, é muito pesado.

Silveira - Eu concordo com a opinião de que não há situações a que a mulher não possa responder, incorporar-se. A vida obriga a mulher a morar na favela, a subir o morro. Mas o sistema, quando adapta as máquinas ao homem, é porque precisa usar ao máximo a mão-de-obra. E, entre a mulher e o homem, eles preferem adaptar as máquinas ao homem. Mas é perfeitamente possível o trabalho das mulheres em máquinas que, hoje, são manipuladas por homens.

A questão é saber porque a mulher não pode executar, atualmente, determinados serviços. O problema é que ainda tem muita mão-de-obra masculina para explorar, então não interessa.

Movimento - Como é o relacionamento entre homens e mulheres no ambiente de trabalho?



Uma revelação importante do debate: nas fábricas, as máquinas são ajustadas para o padrão físico masculino.

"Cortador ganha mais que cortadora. Mas é ela que ensina o serviço"

Maria Aparecida



Maria Aparecida — Quando eu trabalhava em fábrica, uma das coisas que via era assim: as meninas mais bonitinhas eram mais bem tratadas. A chefe que tomava conta da mesa, era sempre a mais bonitinha, a preferida do chefe. E também tinha a cortadeira, que fazia todo o serviço igual ao do cortador mas ganhava menos que ele. Também tinha safadeza com as meninas; ficar passando a mão. Se a gente conversava um pouco mais perto com um homem, ele já ficava achando que a gente estava querendo outra coisa. Isso tem muito em fábrica. E se a mulher começa a mudar de namorado, o pessoal fica falando. A mulher tem que ficar sempre quietinha e trabalhando.

Rafael Pinto (29 anos, funcionário público, casado, sem filhos) — No funcionalismo, trabalhei com muitas mulheres. E, frequentemente, elas foram minhas chefes. Sempre encarei isso normalmente, nunca tive nenhuma dificuldade.

Hércules Valim (25 anos, solteiro, médico residente em Medicina Social) — Entre os médicos, são raras as mulheres que atingem postos de comando. Mas a questão da discriminação, eu acho que é bem menos intensa que nas outras profissões, a não ser quando a médica fica grávida — aí a coisa se acentua, ela é mandada embora, coisas assim.

Albertina — Só no começo da vida profissional é que senti um pouco de paternidade por parte dos colegas. Na hora de vamos ver, de dividir as escalas de plantão, isso acaba: a gente é um médico, um companheiro. Não é porque você é mulher que você vai ter um sábado livre para ficar em casa. Na hora de dormir tantas horas, você dorme o mesmo tempo que os homens. E eu sempre fui tratada como um médico.

Apesar disso, a gente tem que ver que existem poucas médicas catedráticas, em posições mais elevadas. Mas muitas vezes, é a própria médica que limita seu espaço pelo fato de casar. São poucas aquelas que continuam a estudar, e quando resolvem fazer isso, há alguns problemas.

Movimento — O trabalho doméstico, que passa a ser feito depois do casamento, limita a participação da mulher na sociedade?

Maria Aparecida — A preocupação da mulher é pedir as coisas que ela está precisando. Pra isso, é preciso ter um tempo livre, porque se ela ficar só trabalhando, só cuidando da casa, e não participar em outro lugar, ela não vai poder resolver os problemas que tem. Se, quando o marido chega de noite, ele puder dar uma ajuda para a mulher, vai sobrar tempo para os dois. Aí, se tiver alguma reunião para se participar, de amigos de bairro, de mães, dá muito bem para os dois irem. Ou então, ele fica em casa cuidando das crianças e ela vai. Agora, é preciso que o homem ceda um pouquinho.

Rafael — Eu acho que há diversas soluções para o trabalho doméstico e uma delas é a divisão dele dentro de casa. E isso é fundamental para a reeducação do homem. Agora, é claro que uma creche libera a mulher para que ela possa trabalhar fora. E quando se fala na luta por mais creches, isso é uma luta de homem e de mulher, uma luta dos dois.

Movimento — Por que poucas mulheres têm prazer sexual?

Maria Aparecida — Desde a infância, a mulher tem que se resguardar. As coisas começam na sua formação. Como ela só pode ter relações sexuais quando casar, então ela começa a ser reprimida desde criança. Ela não tem experiência, e espera que o marido vá dar essa experiência, então quando começa a ter relação, ela se decepciona. Isso aconteceu comigo, não por ele não ser carinhoso nem nada, mas eu fiquei dez anos casada e nunca tive orgasmo na minha vida, não sei o que é isso.

Por isso, a mulher começa a fingir, e tem também a vergonha de falar nisso. Agora eu estou sentindo bem isso porque entre as colegas, a gente conversa sobre o assunto. Outra coisa que dificulta é que o marido começa a fazer carinho e é só para aquela hora, então depois que passou aquela hora, ele vira as costas, não quer saber se a mulher teve orgasmo ou não, e acabou, vai trabalhar no dia seguinte.

O que também dificulta é o trabalho que a mulher tem, chega cansada, ou mesmo muito trabalho em casa. O homem chega e não quer saber se ela está em condições naquela hora para ter relações, ela está lá para servir. A mulher se sente muito objeto, então até repudia o sexo. Ela sente que ela só serve para aquela hora, depois acabou.

Albertina — Na minha experiência de trabalho, eu vejo que os problemas da mulher de classe média e da mulher de classe baixa são diferentes. Nos grupos do Congresso, foi colocado o seguinte: O que é uma mulher fria? E as respostas dos grupos mostraram que são mulheres cheias de problemas: "Se eu anoiteço preocupada com o salário do meu marido, eu não tenho prazer". Já ouvi muito isso. Então, o prazer vai depender do salário não estar atrasado, vai

depende de ter um quarto onde não se precise dormir de roupa na frente dos filhos, vai depender do cansaço, vai depender de ter o que colocar na panela. Uma mulher falou assim: "Será que com fome eu posso tratar meu marido de 'bem', eu posso ter diálogo com ele?"

O único diálogo que tenho é esse, amanhã eu preciso pagar o médico, preciso saber o que pôr na panela. Não é que a gente não ame, mas depois a gente ainda pensa que vai ficar grávida de novo, e como é que fica?"

Então, nesse momento, a sexualidade da mulher brasileira é diferente da sexualidade das mulheres de países onde a educação, as mudanças sociais, já fizeram com que a mulher tivesse acesso à informação. Por isso, uma das conclusões do Congresso é que a gente tem que dar, no mínimo, garantias para a mulher. Se tiver boas condições, ela vai ter acesso a informações, aí vai se modificar.

Em muitas conferências que faço, a mulher diz: "Mas, doutora, frigidez não é doença? Então me dá um remédio". Aí eu explico que saúde é um conjunto de condições sociais, físicas e psicológicas. Se a mulher tiver essas três coisas, vai ter mais saúde e relações sexuais com prazer. O direito à relação sexual é mais um direito que a mulher não tem.

Maria das Graças - Nessa parte, não tive educação nenhuma. Quando formei pra moça, com 11 anos, eu tava na bica lavando roupa e fiquei naquele desespero, comecei a chorar e só me lavando. Quando foi à tarde fui falar com minha mãe, ela falou: "filho de peixe, peixinho é". Foi só isso o que ela disse. Depois eu fui falar com uma amiga o que vinha a ser aquilo, ela falou que não precisava ficar preocupada, que isso era coisa da gente, que quem estava formando para moça era sim mesmo.

Eu, com a idade de 24 anos, não sabia como mulher engravidar. Pra mim, casamento era só lavar e cozinhar para ele, não era para ter essa relação sexual. Quando casei, não deixei ter relação. Meu marido foi muito calmo, foi me levando com paciência, e levou mais de 15 dias para ele conseguir.

Antes de casar, nós namoramos 6 anos, eu num canto, ele noutro. Ele não podia pegar nem na mão. Então, eu casei com uma pessoa que não sabia de nada, e até quando fiquei grávida desse filho que eu tenho, se não fosse minha sogra, pra mim ia ser o maior desespero, o maior escândalo. Foi a maior agonia da minha vida.

Hoje, não tenho mais vergonha. A gente conversa muito, ele é muito carinhoso sempre. Quando ele chega, a gente se cumprimenta com um beijo e fica conversando.

Movimento - Você tem vontade de trabalhar fora?

Maria das Graças - Eu já tive, mas Raimundo achou que não convinha eu trabalhar. Quando eu fiz um ano e três meses de casada, nasceu esse menino que eu tenho, aí pra não ver esse filho judiado, ou pagar outra pra cuidar dele, eu olhei ele o dia todo. O que eu ganho lavando roupa dá para ajudar, então eu resolvi ficar em casa. Hoje, já não tenho vontade nenhuma de trabalhar fora.

Movimento - Como vocês vêem o fato de, ainda hoje, grande parte das mulheres chegar ao casamento sem nenhuma formação sexual?

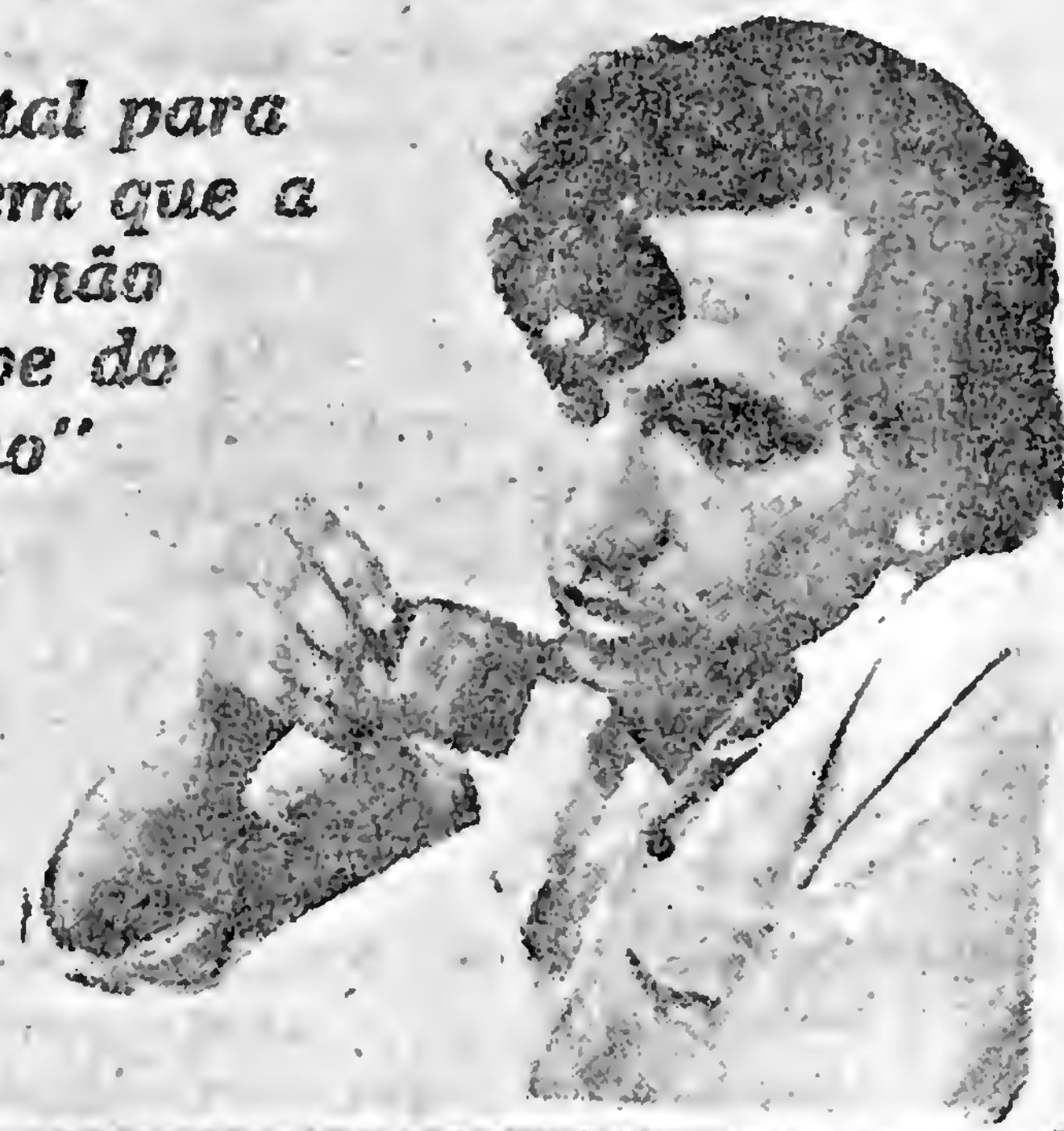
Hércules - O preconceito da virgindade é um sintoma de que a mulher é encarada

como propriedade do sexo masculino. E isso prejudica na relação conjugal. Ela tem que se manter intacta para que seu homem possa chegar e tomar posse. Agora, felizmente, a virgindade está deixando de ter a importância que tinha há tempos atrás, mesmo em pequena escala.

Movimento - E a vida sexual do homem, é satisfatória?

Rafael - Se existem problemas como o da virgindade, é realmente difícil haver prazer sexual para o homem. Isso eu verifico também vendo como continua aumentando a incidência de prostituição de mulheres e de homens travestidos. O camarada namora, se excita com a namorada e, depois, vai completar o ato com um travesti ou uma prostituta. Então, não há prazer porque a relação sexual se dá de forma completa na medida em que há uma emotividade muito forte ligando as duas pessoas.

"É brutal para o homem que a mulher não participe do orgasmo"



Silveira

Silveira - Evidentemente, de imediato, é a mulher que sente mais o problema. Mas, para o homem, não há nada pior do que sentir que sua companheira não se satisfaz. Então, o prazer sexual se perde completamente. O orgasmo do homem, pouco valor tem se a companheira não participa disso. É brutal ver que as companheiras não sentem o orgasmo. Se ela não sabe o que é a menstruação, não sabe o que é uma relação sexual, é claro que isso causa uma aversão ao sexo. Por isso é que o problema afeta mais diretamente a mulher.

Mas, se a mulher não tem direito ao prazer sexual, ao homem também não é dado o direito de sentir que sua companheira participa do ato sexual. Se o homem tem consciência disso, é brutal para ele, porque não há nada superior a sentir que sua companheira compartilha seus sentimentos. Só assim as relações serão mais harmoniosas.

Ao homem, cabe compreender a dificuldade da mulher e não sentir-se satisfeito apenas tendo o orgasmo, porque senão cai numa relação instintiva. E isso é um problema de educação, de educação de um ponto de vista completo. E de relações sociais superiores: hoje, 90% dos homens estão massacrados. E também as mulheres: prostituição, propaganda, o massacre é diário. O homem é vítima disso, e a mulher é vítima duplamente. Agora, não se trata de educação de um, é preciso que toda a sociedade compreenda e caminhe para a transformação.

Albertina - Se a gente pensar no início sexual do homem, vamos ver que é muito abrupto. Geralmente é feito com uma mulher que ele não conhece, e isso é acompanhado da aprovação dos amigos. Eu costumo dizer que as primeiras relações são tipo Tergal: deita, levanta e não amassa. Então, isso não tem nada a ver com a vida do rapaz. Por outro lado, a quantidade de mulheres que se queixa de que as relações são muito rápidas é muito grande. E também é grande a quantidade de mulheres que finge ter orgasmo. Puxa, então é tudo um desencontro.

Ninguém consegue fingir o tempo todo que não gosta de uma comida. Então, se a mulher consegue mentir durante anos que tem prazer, é porque o companheiro também está numa situação diferente. Ou ele sente que ela está fingindo e não interessa para ele debater porque ela está fingindo, ou então ele realmente não conseguiu ser educado para perceber que ela tem que participar mais amplamente. Então, se a mulher finge, eu acho uma distorção. Se ele não percebe, também é uma distorção. Se ele não entende que ela tem que participar, também é uma distorção. E a relação sexual que devia ser a coisa mais íntima, mais completa da relação do casal, está destruída desse jeito. Se isso acontece, é porque a destruição é mais ampla. O problema para a mulher, é que ela não é só uma vagina. Ela é um todo social, físico e psíquico. E só na medida em que ela sentir que tem garantias físicas, psicológicas e, principalmente, sociais, só na medida que ela puder viver melhor, é que ela, então, estará pronta para sentir o orgasmo.

Creche, uma solução que virou problema

Em São Paulo, o número de instituições está longe de atender às necessidades da população

JANE SOARES

O problema de falta de creches em São Paulo é tão velho que passou a ser ignorado. Mas isso não quer dizer que tenha sido resolvido. Pelo contrário, vem se agravando paulatinamente, à medida que o trabalho da mulher passou a ser essencial para a manutenção da família. A Consolidação das Leis do Trabalho é bastante clara ao determinar que empresas onde trabalham pelo menos 30 mulheres com mais de 16 anos são obrigadas a possuir local apropriado para a guarda das crianças durante o período de amamenta-

ção, ou, então, a manter convênios com creches para atender esta exigência, mas são poucas as empresas que observam a legislação.

Enquanto a Delegacia Regional do Trabalho desmente, categoricamente, que a lei não está sendo cumprida, os sindicatos são os primeiros a denunciar ou o simples "esquecimento" por parte dos empregadores, ou a existência de convênios que, na verdade, são uma forma sutil de burlar a legislação. As empresas não fazem nenhuma divulgação de sua existência e, na maioria das vezes, as creches ficam tão longe dos locais do trabalho ou da residência das empregadas, que sua utilização torna-se inviável.

NUMERO

INSIGNIFICANTE

O ex-ministro da Previdência Social, Luis Gonzaga do Nascimento e Silva, foi o primeiro a reconhecer que a creche seria a solução mais econômica para o problema de subnutrição de 21 milhões de crianças com menos de três anos de idade. Mas o número de instituições existentes está longe de ser suficiente para atender tão grande clientela. Em São Paulo, onde as dificuldades são mais gritantes, a Prefeitura é a única responsável pela construção destes estabelecimentos, enquanto o Estado mantém convênios com poucas obras assistenciais que se dedicam a preencher esta lacuna.

Odete Nastari Trani, assessora da Coordenadoria do Bem Estar Social, reconhece que o número de creches é insignificante ante as necessidades da população. O "Programa de Assistência à Infância" contava, o ano passado, com 113 obras, oferecendo vagas para 10.371 crianças. Devido à rotatividade, foram atendidos 17.055 menores.

A prioridade estabelecida pela Prefeitura é para a construção de creches na zona de residência dos pais, evitando o problema de locomoção, que vem se tornando cada vez mais dramático. As crianças são atendidas em regime de semi-internato e a preferência é para aquelas cujos pais tenham uma renda mensal de até dois salários mínimos. Supletivamente, a assistência é estendida para

crianças de famílias com renda até quatro salários. Estes estabelecimentos recebem menores na faixa etária de zero a três anos mas, quando a área onde ele se localiza não conta com escola de educação infantil, é permitida a permanência de crianças até seis anos.

MANTER

QUALIDADE

O programa conta com quatro creches diretas — onde equipamentos, instalações e pessoal são fornecidos pelo poder público —, vinte indiretas e oitenta e nove conveniadas. Nas indiretas, os prédios e equipamentos são municipais e o pessoal pertence a uma obra assistencial, que se compromete a receber, gratuitamente, 30% das crianças. Os outros 70% são mantidos através de convênios e a Prefeitura paga, por mês, Cr\$ 767,12 por menor atendido, oferecendo também assistência técnica para a manutenção da creche. Nas conveniadas, tudo pertence a uma entidade particular, cabendo ao poder público fornecer apenas a assistência técnica e pagar as subvenções.

"Sabemos que o número de creches ainda está longe de atender às necessidades da população", explicou Odete Nastari Trani. Mas a Prefeitura tem feito esforço para suprir esta deficiência. O orçamento de 1979 está prevista a construção de 22 mini-creches — cada uma com capacidade para 60 crianças — utilizando-se de verbas do Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Social e quatro estabelecimentos, através do projeto Zura. Três destas creches serão instaladas na região Brás-Bresser e uma, no Jabaquara. Isto representa, em termos de capacidade, um aumento de 1.680 vagas.

O grande problema não é simplesmente uma maior oferta em quantidade, pois não podemos desprezar a qualidade dos serviços. Nessas creches devem obedecer a uma programação psicopedagógica, de saúde e, principalmente, social, de forma a conscientizar os pais, cada vez mais, da importância de um bom atendimento ao menor.



A Prefeitura dá preferência às crianças cujos pais ganham menos de 2 salários mínimos.

Empresas poderiam ajudar, mas preferem pagar multa

PROBLEMAS
FINANCEIROS

O aspecto social também é o mais importante para a Liga das Senhoras Católicas, que mantém duas casas para o atendimento exclusivo de meninos. Uma delas funciona no Jabaquara, em regime de externato, com capacidade para 90 menores, na faixa etária de dois meses a dois anos. A outra, no Tatuapé, recebe 105 crianças de seis meses a quatro anos, como internas. As mães têm por obrigação visitar semanalmente o filho e é exigido um pagamento, de acordo com as possibilidades de cada uma.

"A grande dificuldade para a manutenção de uma creche são os pesados encargos financeiros", explicou Lourdes Borges Schmidt, presidente da Liga. "A Casa do Menino Jesus, para onde são encaminhadas as crianças de quatro a dez anos, mantém convênio com a Secretaria da Promoção Social, que paga Cr\$ 705,00 por capita. Até o final do ano passado, cada um destes internos nos custava Cr\$ 1.700,00 por mês.

Nós sabemos da crônica falta de creches em São Paulo — as filas para colocação de crianças em nossas casas são sempre muito grandes — mas não temos intenção de aumentar o número de vagas.

O governo podia isentar as instituições do pagamento de contas de água e luz, que são astronômicas. Nós chegamos a pagar mais de 30 mil cruzeiros por mês só pelo fornecimento de energia elétrica. Com este dinheiro poderíamos manter pelo menos mais 15 crianças."

NO ESTADO

A Secretaria da Promoção Social tem convênio com 16 obras assistenciais na Grande São Paulo, permitindo o atendimento de 1.227 crianças.

A única creche pertencente à Secretaria destina-se exclusivamente aos filhos de migrantes, com capacidade para 300 menores. É quase impossível saber qual o número exato de estabelecimentos existentes no Estado mas, extra-oficialmente, calcula-se que existem 44 mil vagas, para um milhão e trezentos mil crianças, na faixa etária de zero a sete anos.

O problema seria parcialmente solucionado se as empresas cumprissem a legislação trabalhista. Na verdade, a CLT não fala na criação de creches e, sim, na instalação de berçários. Os parágrafos primeiro e segundo, do artigo 389, são bastante claros: "os estabelecimentos em que trabalham pelo menos 30 mulheres, com mais de 16 anos de idade, terão local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação. A exigência do parágrafo primeiro poderá ser suprida por meio de creches distritais, mantidas, diretamente ou mediante convênios, com outras entidades públicas e privadas, pelas próprias empresas, em regime comunitário, ou a cargo do Sesi, Sesc, LBA ou de entidades sindicais".

A portaria número um, de 15 de janeiro de 1969, reforça esta exigência, determinando as dimensões e instalações que deveria ter este berçário e o número de leitos — um para cada grupo de empregadas entre 16 e 40 anos de idade. Sua localização também é prevista na legislação: deve estar situada de preferência, nas proximidades da residência das empregadas, dos estabelecimentos ou em vilas operárias. Nos casos de inexistência das creches, a autoridade regional competente cabe exigir que os estabelecimentos celebrem convênios, "desde que os estabelecimentos ou instituições forneçam transporte, sem ônus para as empregadas".

Adriano Sales Toledo de Carvalho, diretor da divisão de Proteção ao Trabalho, da Delegacia Regional do Trabalho, afirma, categoricamente que a lei vem sendo cumprida pela "grande maioria das empresas". Para provar sua afirmação, ele cita números de 1977, quando apenas 28 firmas — sendo 23 na capital e cinco no interior — foram multadas por não cumprirem com o disposto no artigo 389, da CLT. Sua tese é reforçada por dados fornecidos por Helena Prieto, da seção de Proteção ao Trabalho da Mulher e do Menor, segundo os quais cerca de 1.200 empresas firmaram convênios com creches, no ano passado.

"Os maiores problemas com relação ao trabalho da mulher são quanto ao horário. Em 1977, 713 estabelecimentos foram multados por desobedecerem a legislação", disse Adriano Sales Toledo de Carvalho. "Quanto às creches — na verdade, a lei fala apenas em berçários, de onde pode advir alguma confusão — a grande maioria tem cumprido a lei. O problema pode existir em empresas pequenas que, de repente, ficam com um número de empregadas superior a 30. Ai pode ser. Não temos recebido denúncias dos sindicatos, com relação ao problema das creches. Desafio qualquer pessoa a provar que a legislação não está sendo obedecida".

AS IRREGULARIDADES

A afirmação é recebida com surpresa pelos próprios dirigentes sindicais, que se dizem cansados de apontar irregularidades à Delegacia, sem que nenhuma providência seja tomada. Rabens Teodoro de Arruda, vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema, afirma desconhecer a existência de berçários na quase totalidade das 670 metalúrgicas existentes na região. Para Arruda, os convênios fixados por algumas empresas são apenas uma forma sutil de burlar a legislação.

"Desconheço que alguma operária use estes 'convênios fantasmas', estabelecidos com creches em locais muito distantes das empresas, tornando sua utilização inviável", disse Arruda. "Já enfrentamos aqui o problema de mulheres que são obrigadas a abandonar o emprego, durante o período da amamentação, porque as crianças não aceitavam outro tipo de leite e elas não tinham como atendê-las".

O presidente do Sindicato dos Médicos de São Paulo, Agrimeron Cavalcante da Costa, simplesmente desconhece que as empresas médicas tenham qualquer tipo de serviço para atendimento dos filhos de seus funcionários. A situação dos médicos destas firmas é tão irregular — eles são considerados como autônomos, não tendo qualquer direito trabalhista garantido — que a falta de berçários ou convênios é vista apenas como parte de um problema muito maior.

"A Delegacia Regional do Trabalho não tem conseguido resolver nem mesmo a situação irregular dos médicos destas empresas, que é muito mais sério. Por isto duvido que ela esteja realmente se preocupando com a falta de creches", disse Agrimeron. "As situações irregulares são flagrantes. Basta dizer que a Same-Serviço de Assistência Médica, recusou-se a pagar os 42% concedidos pelo dissídio, aumentando seus profissionais em apenas 10%, sem que nada fosse feito pela Delegacia. Nesta circunstância, como acreditar na afirmativa que as empresas estão obedecendo a legislação, quanto às creches e convênios?"

O desrespeito, na verdade, começa nas próprias Secretarias governamentais. Ou será que o fato delas serem regidas pelos Estatutos dos Funcionários Públicos isentadas do cumprimento da legislação? De qualquer forma, elas também possuem funcionárias contratadas pela CLT, o que teoricamente, as obrigaria a possuir berçários, ou manter convênios com creches.

A Secretaria de Educação do Município, onde existe um grande número de contratadas, não possui nenhum tipo de assistência. Dentro da norma geral, a Secretaria da Fazenda e de Obras e do Meio Ambiente pode ser considerada exceções. Elas são das poucas — entre as estaduais e municipais — que mantêm creches.

Os dirigentes sindicais responsabilizam a Delegacia Regional do Trabalho e as quantias irrisórias das multas estabelecidas na CLT, pelo não cumprimento da lei. Para a falta de berçário ou convênios, a multa é de um quinto a dois salários mínimos regionais. Segundo o próprio Adriano Sales Toledo de Carvalho, as empresas são visitadas normalmente a cada três meses pelos fiscais da Delegacia. Desta forma, sai mais barato para o empresário o pagamento de pouco mais de treze mil cruzeiros por ano, que o cumprimento da legislação.

Embora o problema da falta de creches não possa ser resolvido pela simples obediência à CLT, poderia ser, ao menos, minorado. Enquanto isto, as mulheres sonham com muito mais. A advogada Marli Cardoni, por exemplo, defende a ideia que a guarda dos filhos não é uma responsabilidade exclusiva da mulher. Por isto ela elaborou um projeto, onde a obrigatoriedade de existência de creches se estenderia a todas as empresas, pois os pais poderiam levar com eles as crianças, dividindo os encargos.



JUSTIÇA E PAZ para todos

Ano Internacional da Criança e a educação

Helena de M. Pupo Geribello (da Comissão Justiça e Paz de Campinas)

Entre as matérias já publicadas sobre a criança, encontrei a afirmação, por autor cuja identidade ignoro, que me pareceu tocar no cerne da questão: "O problema não é da criança, mas do adulto", dizia ele. Ora, entender através da instituição de um Ano Internacional que os direitos da criança devem ser respeitados, equivale a dizer que a violação desses direitos, perpetrada por nós adultos, atingiu níveis alarmantes. Convém portanto admitir que o enfoque na criança é um meio de polarizar nossas atenções para o fato de que ela é a maior atingida pelas consequências negativas da sociedade que vimos elaborando, oferecendo como única opção de vida ou de morte.

É fora de dúvida que numa análise social global os aspectos históricos, políticos, econômicos se entrelaçam no todo social e são igualmente importantes para determiná-lo. Entretanto vamos nos fixar na educação e considerá-la basicamente vinculada à estrutura social: não estamos falando da educação como mera instrução ou aquisição de conteúdos, doutrinas, hábitos, mas da educação-participação, da educação-comunicação, da educação-responsabilidade, da educação-cultura.

Em primeiro lugar, deve-se ter clara a idéia de que educação é obrigatoriamente sinônimo de vida, ou melhor, não se circunscreve apenas ao ambiente escolar. Ela se desenvolve em todos os organismos sociais a partir da família, das comunidades religiosas ou não, das agremiações dos sindicatos e do próprio Estado constituído como formalização política da nação.

A rede escolar, por sua vez é a da educação que se instituiu como tal, subsistema de uma estrutura mais abrangente que pode privilegiar tanto o enfoque econômico, como o cultural, etc., por onde deve, deveria, fluir a oportunidade de desenvolvimento humano para todos. É portanto apenas uma parte, que está dissociada do conjunto, pois o processo educativo, bom ou mau como nas organizações básicas, não se dá a locais e horários determinados e se interrompe com os sinais da vida. Mas, se encontra na ação formadora da própria vida dos alunos, nunca chegaram a escola, ou dos que continuam vivendo depois ou paralelamente a ela. Esta ação educativa desenvolver próprio da existência humana e da tomada de consciência.

cularmente, as crianças, ou indagaremos que é o beneficiário desta educação que propomos ou toleramos?

A partir disso, para que o Ano Internacional da Criança atinja seus objetivos, entre nós, cumpre elaborar programas a curto, médio e longo prazo de forma que o adulto defina como pretende modificar o mundo em que vive e se desenvolve a criança, dando amplo conhecimento, divulgação e possibilidade de participação livre, incluindo evidentemente a própria criança.

Alguns valores devem ser trabalhados para se iniciar tal empreitada. Em primeiro lugar, é necessário que o adulto tenha coragem para agir: a perda do medo não é a imersão numa irresponsabilidade que nos impeça de medir as consequências dos nossos atos. Ao contrário, é a capacidade de calcular os riscos e consequências decidindo assumi-los, quando isto nos permita atingir um valor maior. Que tipo de medo deveríamos começar a perder? O medo de pensar livremente sem procurar saber se o nosso pensamento se encaixa ou não no pensamento daqueles a quem supomos "devemos" agradar; o medo de falar o

que foi pensado e conclusivamente considerado o melhor; o medo de exprimir opiniões ou usar palavras que traduzam nossa linha de pensamento; o medo de conhecer os problemas e sermos informados sobre eles mesmo quando sua decifração exija de nós uma mudança de posição; o medo de sermos injustamente delatados por nossos falsos amigos; o medo de discordar, porque da discussão nascem as novas idéias, complementam-se pensamentos, descobrem-se afinidades, reafirmam-se posições, fortalecem-se argumentos, criam-se opções novas, elaboram-se soluções. A discussão não inclui necessariamente a polêmica irracional, mas enseja a complementaridade e a comunicação, que é uma forma de amor. O medo quando assumido paralisa o raciocínio e enfraquece a vontade, mas se vencido amplia a mente, fortalece e induz a uma sã participação.

Somente vencido o medo, os espíritos estarão desarmados e propícios a cooperação consciente, fortalecedora e democrática, lembrando que democracia antes de ser uma forma política é uma forma de vida altamente consciente. Só nos tornamos democratas vivenciando e conquistando uma participação responsável, e responsável é "aquele que responde". Ora, só respondemos por aquilo que não tememos, do qual participamos e ajudamos a construir.

Em linhas gerais, ao invés de tentarmos exaustivamente definir por inferência radicalizações em degenerescência, o importante é procurar o justo e o injusto no âmbito estrutural ou conjuntural dos diversos sistemas nacionais de educação, dentro ou fora da escola, propondo alternativas coerentes com os princípios contidos na Declaração dos direitos do Homem. Não se trata de dividir sumariamente os povos, mas em percebê-los como tal: opressores ou oprimidos, ricos ou pobres, exploradores ou explorados, cultos ou marginalizados... Desta forma facilmente responderemos "quem é o beneficiário da nossa educação" e, na pior das hipóteses se não respondermos integralmente concluiremos que não somos nós.

Refugiados vietnamitas viverão em São Paulo

Os 37 refugiados vietnamitas que chegaram ao Brasil e se encontram no Rio de Janeiro desde o último dia 12 de fevereiro, deverão chegar a São Paulo por estes dias, onde ficarão residindo definitivamente.

A informação foi dada pelos padres Alberto Zambiasi e Antonio Gallo, da Paróquia de Nossa Senhora da Paz, após atenderem ao pedido de D. Paulo Evaristo, para que recebessem os refugiados vietnamitas e lhes dessem todo apoio necessário. Antes, D. Paulo havia recebido a solicitação de Rolf Jenny, da ACNUR — Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados — sobre a possibilidade do grupo viver em São Paulo, já que é um campo mais próprio à colocação de empregos, e o Rio de Janeiro não oferece melhores condições para isso.

Uma vez confirmado o interesse da Paróquia de Nossa Senhora da Paz ao cardeal, tem-se como certa a vinda deles para a Capital ainda por estes dias. Um contato telefônico e consequentemente a vinda dos líderes do grupo vietnamita a São Paulo, entre eles, Dominique, já familiarizado com a vinda brasileira, para verificar o campo, concretizará tudo. Isto, porque o grupo aprecia viver em grupo e eles não querem se separar. Estes 37 refugiados são os primeiros vietnamitas a viver em São Paulo. Pelo menos não consta a presença de outros deles por aqui.

ONDE FICARÃO E COMO

Dos 37 vietnamitas que estão no Rio de Janeiro provisoriamente por conta da ONU, 17 são crianças e mais duas deverão nascer no próximo mês, pois duas das refugiadas estão grávidas de oito meses.

A maioria, composta de jovens, pertence ao Budismo, e terá liberdade de religião na nova moradia. Quanto à documentação, espera-se uma definição do Itamaraty, principalmente com relação à nacionalidade, pois como é sabido, ela pertence a mesma nacionalidade do navio que os recolheu em alto mar: brasileira.

Para trazê-los do prédio da Cruz Vermelha no Rio de Janeiro, onde ocupam um andar inteiro, os padres Alberto e Antonio estão ampliando as instalações do alojamento existente na Igreja de Nossa Senhora da Paz, rua Glicério, 225, sob custódia do Centro Pastoral dos Migrantes dos Missionários de São Carlos. Como o grupo possui condições de trabalho, todos têm profissão definida (alguns querem estudar), o serviço de colocação, que, segundo o padre Zambiasi já está montado, não terá dificuldades em colocá-los. Em pouco tempo todos estarão trabalhando e estudando e em condições de suportar um aluguel de casa.

— É certo que demorará um pouco para que falem o português — eles falam o inglês e o francês, além da língua do Vietnã — mas tudo sairá bem, pois são inteligentes, acrescenta o padre Antonio Gallo, afirmando que eles estavam anêmicos quando chegaram ao Brasil. Agora, estão bem de saúde. Comem peixe, legumes e arroz, os pratos prediletos.

Todos eles têm aversão por bomba ou qualquer estampido que possa lembrar a guerra que enfrentaram e da qual fugiram recentemente.

QUEM SÃO ELES?

São 20 adultos e 17 crianças (no próximo mês, 19 pelo que tudo indica) que precisam de trabalho e educação. E o que é mais importante no momento: a compreensão e o carinho de todos. Dos adultos, o mais jovem tem 18 anos e o mais idoso 40. Das crianças, a mais velha tem 14 anos, a mais nova, 2 anos.

Alguns pretendem estudar medicina ou química ou cursar uma escola naval. Os que têm condições de trabalho foram distribuídos de acordo com conhecimento das línguas inglesa e francesa e desde já são considerados candidatos às seguintes profissões: mecânico de ar refrigerado e refrigerador (mecânica em geral), mecânico de barco, computador, enfermeiro, decoração ou casa típica de gêneros alimentícios, assistente médico, mecânico de carro, mecânico ou lavoura, pescador, marinho ou eletricitista e mais quatro costureiras.

No Dia da Mulher: a voz da periferia

O dia Internacional da mulher foi comemorado pelas mães da periferia da Região de São Miguel, no dia 8 de março, no salão paroquial da Igreja. Eram 170 mães de várias comunidades de base, ligadas a Clubes de Mães. A comemoração constou de várias apresentações cênicas, contos populares, exposição dos trabalhos das mães, um filme sobre saúde e uma palestra de Dom Angélico.

Dona Dalva, de 60 do Clube de Mães do anos, participante ativa do Itaim num dos inúmeros pronunciamentos declarou: "Não nascemos só para os nossos filhos, mas também pelos filhos dos outros que estão sofrendo".

DOM ANGÉLICO DIALOGA COM AS MÃES

Durante sua palestra,

Dom Angélico fez várias perguntas às mães presentes: "Porque será que o povo está sofrendo tanto? Tem jeito da gente melhorar a situação?". Desinibidas e com coragem as mães responderam: falta de vergonha das autoridades; o povo ainda tem medo da repressão; o custo de vida continua engolindo a gente; falta união do povo; e o povo unido ainda vai vencer.

Dom Angélico concluiu afirmando que "o homem valoriza a máquina mas na hora de dividir o lucro, o filé-mignon fica para os patrões e as pelancas vão para o operário. É preciso continuar na formação de grupos de mulheres que acreditam na força da transformação desta situação".

OSP
16/22/3/79
pg 9

No Ano Internacional da Criança, a busca de soluções

As Entidades Democráticas Independentes realizaram, dia 10 de março, no TUCA, o lançamento do Ano Internacional da Criança, com a participação de associações de classe, setores da população e entidades, com o objetivo de discutir os problemas da criança e do menor brasileiro.

Estiveram presentes vários especialistas para abordar as áreas em que foi dividida a discussão: Dra. Gilsélia de Oliveira (Família); Pfa. Maria Nilde Mascelaní (Educação); Dr. Braz Araújo (Criança e Democracia); Marcelino Pereira (Trabalho); Dra. Eva Bly (Habitação); Dr. Gabriel Oselka (Saúde) e Dr. José Gregori (Direito).

Para o conhecimento da situação das famílias e das crianças que vivem na periferia, foi convidada a dar seu depoimento Dona Carmelita Nascimento, de Vista Alegre, esposa de um operário e mãe de 6 filhos. Segundo Dona Carmelita, a criança da classe operária começa a sofrer desde o seu nascimento. Vivendo num barraco, sem as mínimas condições de higiene e mal alimentadas, estas crianças muitas vezes não sobrevivem mais que um ano de vida. Quando sobrevivem, sofrem todo tipo de contaminação, porque os irmãos mais velhos não têm noção dos

perigos a que estas crianças estão expostas. As mães, por falta de creches, e diante da necessidade de trabalhar, são obrigadas a deixar os filhos maiores cuidando dos menores. Assim, já se tornou frequente na periferia, acidentes com crianças que morrem todos os dias dentro de um poço ou pela explosão de um botijão de gás, por exemplo, enquanto suas mães estão no trabalho. Para Dona Carmelita, as creches significam para as mães da periferia a certeza de que, enquanto elas saem para trabalhar, seus filhos ficarão amparados, ao lado de pessoas que estarão zelando por eles.

O trabalho do menor, segundo Marcelino Pereira, da Frente Nacional do Trabalho, se desenvolve, na realidade, em condições muito diferentes das previstas pela lei. Aos 10 ou 12 anos o menor já procura um emprego, porque a situação de sua família assim exige. Mas ele se vê obrigado a abandonar a escola para trabalhar porque as empresas não lhe permitem sair mais cedo do trabalho, como prevê a legislação. Assim, ou ele trabalha ou estuda, porque muitas firmas, ao admitirem um menor no seu quadro de funcionários, fazem uma flagrante discriminação àqueles que pretendem estudar, sob o pretexto de evitar problemas internos. As condições de salubridade exigidas por lei, para o trabalho do menor, são também frequentemente esquecidas pelos empregadores. Desta forma, muitos menores são vistos em condições e lo-



cais de trabalho considerados prejudiciais à sua saúde, num total abandono das exigências legais.

SEM DIREITO A NOME E A NACIONALIDADE

Os menores somam hoje 25 milhões de brasileiros e de cada 1.000 crianças que nascem vivas, 88 morrem antes de completar um ano de idade. A ausência de mínimas condições sanitárias é um dos fatores que provocam este alto índice de mortalidade infantil. E as crianças que sobrevivem, segundo a Dra. Eva Bly, que falou sobre habitação, dormem amontoadas, e em ambientes sem luz, ar, sem camas próprias, sem uma mesa para estudar. Passam a maior parte do tempo brincando nas valas por onde correm os esgotos, convivem com ratos dos quais contraem doenças, e comem lixo, muitas vezes lixo contaminado com remédio para matar ratos. Para a Dra. Eva Bly, diante desta situação de crise é necessário exigir

coisas mínimas: água para as favelas, torneiras públicas, luz, e esgoto, imediatamente. Porque a criança é a maior vítima desta situação de calamidade.

O Dr. José Gregori, representante da Comissão Justiça e Paz, analisando o documento que rege o Brasil, a Constituição de 1969, constatou que embora feito 20 anos depois de proclamação da Declaração Internacional dos Direitos da Criança, este documento não fala uma só vez no nome **criança**. Somente no artigo 166, parágrafo 4.º, fala-se em infância, ao definir que uma lei especial disporia sobre a assistência à maternidade, à infância, à adolescência e sobre a educação de excepcionais. Segundo o Dr. José Gregori, usando a terminologia infância, que tecnicamente já não significa nada, a Constituição apresenta uma perspectiva inteiramente inaceitável: a de assistência. "Foi assim que sempre o problema do menor foi visto neste País; do ponto de vista assistencialista ou filantrópico". Segundo a Declaração dos Direitos da Criança toda criança tem direito ao nome e a uma nacionalidade. E segundo o depoimento do Dr. José Gregori, até 8 meses atrás, a Comissão Justiça e Paz precisava ameaçar de processo as autoridades federais, porque esta-

vam devendo a filhos de exilados brasileiros no exterior, o direito de registro no Consulado. Estas crianças estavam privadas do seu direito a nome e a nacionalidade.

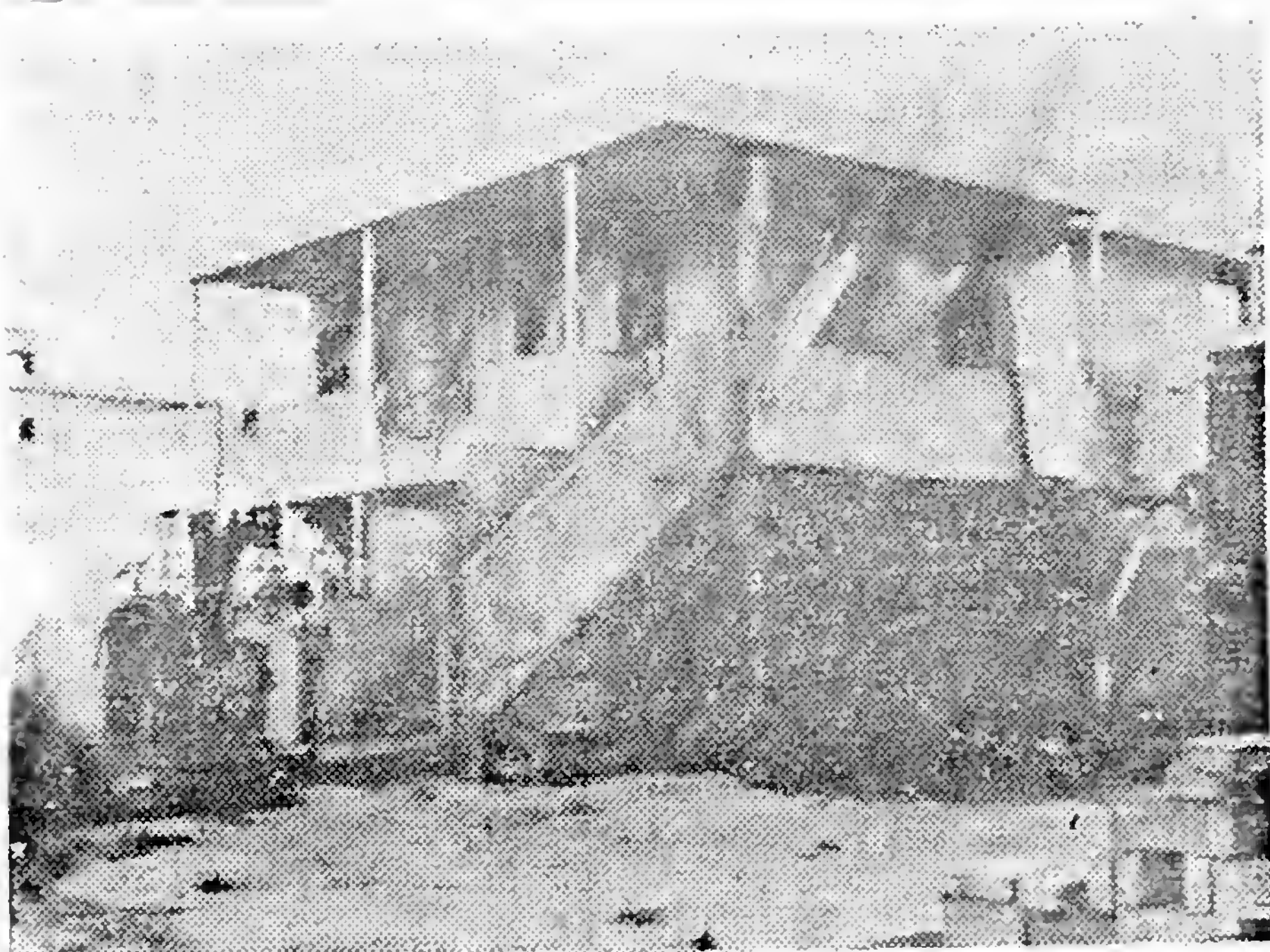
A DEMOCRACIA NO CAMINHO DAS SOLUÇÕES

Ao comentar os assuntos discutidos na reunião, o Dr. Braz Araújo, professor de Ciências Políticas da USP, analisou a questão da democracia no momento atual da sociedade brasileira. "Diante dos desafios democráticos existem barreiras muito poderosas. Para enfrentar estas barreiras é fundamental a união de todos, para que a democratização da nossa sociedade, nos planos econômico, social e político não esconda as suas realidades. A democratização deste País não pode ser entendida nem conquistada se os trabalhadores e a classe operária não puderem participar. Nas artífices das nossas constituições, podemos encontrar esta vontade permanente de excluir da participação e da representação política, aqueles que constroem o desenvolvimento deste País, mas que não participam de seus resultados. Sobre as questões discutidas e o encaminhamento das soluções, encontraremos sempre a questão da democracia. Não que a democracia venha resolver de imediato e facilmente estes problemas. Mas a democracia criará para a sociedade brasileira as condições para que ela própria defina os seus caminhos. E eu creio que este é o desafio que está diante de todos nós; e se todos nós pudermos participar na definição de nossos destinos, eu creio que o faremos sempre voltando os olhos para as nossas crianças".



O menino está sentado na boca de um poço; suas irmãs numa fossa séptica.

Escolas: taxa pesada da APM,
falta de professores, evasão



Em cada "sobrado" desses moram 6 famílias em média: a construção é irregular conforme o Código de Obras.

Para os moradores da região a obrigatoriedade do pagamento da taxa da Associação Pais e Mestres — APM tem sido um pesado encargo. Nas escolas estaduais um dos documentos exigidos para a matrícula é o canho-

to de pagamento da taxa. Quando os alunos não podem pagar a taxa, fatalmente entrarão na "lista negra" das escolas, e não mais irão nas excursões com o resto dos colegas.

Moradores do Jardim

Rosalina se queixam muito. Dona Josefa Moura diz que "nunca em nossas escolas municipais os diretores mandaram canhotos de pagamento; este ano foi a primeira vez, a taxa é de Cr\$ 100,00". Uma taxa muito alta para ela que tem três filhos na escola. Ela garante que já viu muita evasão escolar, principalmente nas estaduais onde as taxas são de Cr\$ 150,00.

Os professores passam por situações não muito diferentes. Têm faltado muito ultimamente, por falta de pagamento, "já que não recebem, também não dão", disseram alguns pais. "Não somos nós que vamos consertar tudo, pagando a APM", acrescentam.

Uma pesquisa feita na escola chegou à conclusão que a média da renda familiar dos 1.600

alunos é Cr\$ 5 mil. O que não surpreende ninguém: as condições sanitárias a que a população está exposta devido ao baixo salário. Nem com relação à comida: carne, peixe e leite são alimentos raros nas mesas.

Um funcionário da escola revelou que tem cerca de 10% de alunos que permanecem 5 a 6 anos na 1.ª série do curso primário. Não se desenvolvem. Nem o preparatório para o primário, que foi criado para "sanar" esse problema, funciona.

Além de tudo isso a evasão escolar é uma realidade na região: os meninos precisam se atirar no mercado de trabalho para ajudar as famílias, o que gera outro ciclo — a falta de recreação, as horas excessivas nos ônibus superlotados, a rotina do trabalho etc., etc.

Jornal: O SÃO PAULO
23-29/03/1979
Data
Pág. 20

Pasta n.º
N.º do recorte 0365



Criança infeliz, futuro incerto

Uma família de seis membros, trabalhando de 8 a 10 horas diárias, lutando contra o tempo, consegue reunir um salário de aproximadamente 10 mil cruzeiros mensais. Porém, é obrigada a contar com o concurso das crianças, a partir dos 13 anos de idade. Esse trabalho, faz com que a criança acabe esquecendo a escola. Outro fator que afasta a criança da escola é a subnutrição, além da falta de material escolar, das grandes distâncias entre a escola e o lar.

Por outro lado, a falta de proteção à saúde dos menores tem se constituído no maior drama da população de periferia, o que aumenta ainda mais os índices de mortalidade infantil. Em São Miguel — Zona Leste de São Paulo — morrem 130 de cada mil crianças antes de atingirem o primeiro ano de vida.

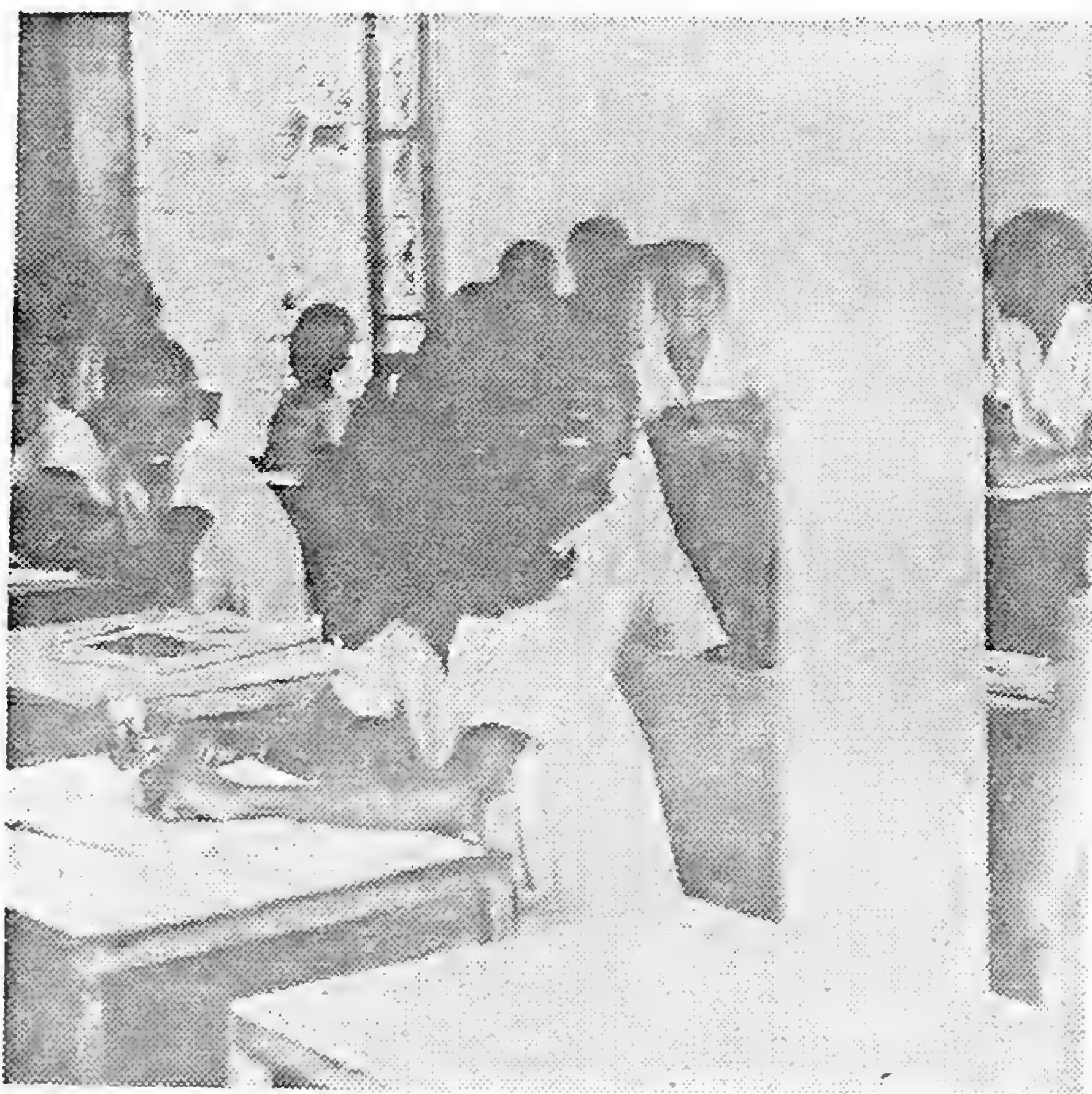
Quais as razões? Médicos que trabalham naquela área enumeram os dados mais importantes.



O trabalho no lugar da educação

Na periferia de São Paulo, altura do km 34 da Estrada de Parelheiros, está situada a pequena Vila "Brásílio Ambura", onde se concentra uma pequena população que vive quase que exclusivamente da fabricação de tijolos. São várias olarias que se localizam dentro de uma pequena faixa de terra. O serviço é artesanal e na grande maioria são grupos de uma mesma família trabalhando todos juntos, desde o chefe da família e os filhos, inclusive os menores.

Uma família de 6 membros, trabalhando num regime de 8 a 10 horas diárias, contando com a sorte de um bom tempo de sol, consegue reunir um salário de aproximadamente 10 mil cruzeiros mensais, porém com casa para morar, o terreno onde está localizada a olaria pode ser explorado no sentido de plantação e criação de animais, sem que o "patrão" participe do lucro que por ventura possa provir desse trabalho paralelo. Esse tipo de oportunidade, é que faz com que as pessoas prefiram esse tipo de serviço, "é a oportunidade de estar mais próximo a família, é a casa para morar sem pagar o aluguel, é a horta que podemos cultivar" — É assim que "seo" José Maria Ramos, explica a sua "opção" de vida, ou de sobrevivência.



"Afiml continua ele, o mais difícil é conseguir pagar o aluguel de uma casa, minha família é grande e nós precisamos de uma casa de no mínimo 6 cômodos.

As crianças trabalham e começam a participar dos rendimentos, garantindo força de trabalho, canalizando para uma produção rendável, a partir de 13 anos de idade. Nessa época as crianças já não vão mais à escola — "eu aprendi a ler, fiz o primário, agora preciso ajudar em casa, preciso ganhar dinheiro". Todos estão habituados àquele tipo de vida. "seo" José Maria Ramos trabalha há

27 anos nessa profissão e os filhos nasceram todos dentro daquele mundo de trabalho. Por isso, quando chegam na idade de trabalhar "já conhecem bem o ofício e a prática é logo adquirida".

Não há outras opções pelas redondezas, trabalhar em local distante significa aplicar dinheiro em condução, levar marmita etc., e o salário não é compensador.

O trabalho é em forma de empreitada, cada grupo ganha aquilo que consegue produzir. O salário é calculado por milheiro de tijolos fabricados, e pago todas as semanas. Na

época de verão, com um bom sol, a produção chega a 100 mil tijolos por mês. Porém, na época de chuva, não dá mesmo para viver disso. Então o jeito é procurar outro tipo de rendimento: cortar lenha, roçar etc. São vários os tipos de serviço que eles podem fazer. Enquanto isso, as mulheres e os filhos menores cuidam de algumas "crias", que eles vendem ou matam para comer.

O trabalho numa olaria começa bem cedo, ou mesmo é feito durante a noite para garantir um maior aproveitamento durante o dia. Ou seja, primeiro é preciso cavar o barro, carregá-lo para o poço onde deve ser moído e amassado, isto é feito por dois membros da família. No dia seguinte logo cedo, mais ou menos às 5 horas da manhã, inicia a outra fase de trabalho, que é a colocação do tijolo na forma. Coloca-se no sol para uma boa secada e só depois que se consegue uma produção de aproximadamente 50 a 60 tijolos é que leva-se para o forno, onde deve ficar durante 3 dias e 3 noites para o cozimento necessário, este processo é feito aproximadamente duas vezes em um mês e meio.

População infantil desnutrida

"Na escola a gente come todo dia sopa. Hoje — dia 20 — é que eles deram leite no lugar da sopa. Depois eu almoço em casa. A comida lá é arroz com feijão, também tem macarrão... Minha mãe agora está comprando mais ovos. Ela está comprando galinha no açougue... A hora que eu almoço é, mais ou menos, duas horas. Eu só janto à meia noite, quando eu chego em casa". A idade da criança que deu esta declaração é oito anos e na hora da entrevista, 11:30 da noite, ela estava "trabalhando" numa travessa da Avenida Paulista.

Juntamente com R.S., que mora no Jardim Angela, periferia de Santo Amaro, suas três irmãs: Morgana, de 14 anos, dorme na escada de um prédio. As outras duas, de nove e dez anos, estão na avenida, pedindo dinheiro. Todas estudam na mesma escola de R. S., no primeiro ano, e as reações, se assim podem ser chamadas, são as mesmas.

DESNUTRIÇÃO

Assim como elas, a grande maioria da população infantil se alimenta. Segundo o médico sanitário, Carlos Augusto Monteiro, em matéria publicada em 78 na revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde —



CEBES — "1/3 das crianças de 6 meses a 5 anos da cidade de São Paulo encontra-se desnutrida... e quando consideradas apenas as famílias de baixa renda a cifra atinge 50%".

Um dado que prova as péssimas condições de saúde do povo brasileiro são os elevados índices de mortalidade infantil. Ainda do médico Carlos Augusto sobre a miséria do Nordeste "a Investigação Inter-Americana de Mortalidade na Infância esclareceu que 66% dos óbitos das crianças menores de cinco anos, ocorrem tendo como causa básica ou associada a desnutrição infantil.

E, como ele mesmo explica, isso não se deve a falta de alimentos no Brasil, ao contrário. Segundo o Plano Indicativo Mundial de Desenvolvimento da Agricultura há no Brasil uma disponibilidade de 2.830 calorias para uma necessidade individual que é de 2.380. Só que, como tudo neste país, as proteínas estão mal divididas.

A própria R. S., com sua pouca idade, fala que a condição da família, está muito dura. "Minha mãe está muito doente e meu pai trabalha como posseiro... Nós temos que ajudar... somos nós quatro e mais dez em casa... Minha mãe me

disse que para comer ela tem sempre que levar três milhões e meio no mercadinho... Outro dia nós tivemos que levar para escola centos para a gente comprar a bata e o bolso. Não acho justo eu estar na rua a essa hora trabalhando".

Fica claro que o problema da má alimentação, como todos os outros, se deve à má distribuição de renda. DIEESE mostrava quando publicou que operariado paulista em 1975 ganhava apenas suficiente para comprar metade dos alimentos comprava a dez vezes mais caro. Como afirma Carlos Augusto "de modo geral no campo ou nas cidades o consumo alimentar depender da renda recebida pela população".

"A solução para o problema da desnutrição, assim como demais condições sociais, não se encontra em processo de desenvolvimento produzido apenas com os avanços de produção e produtividade. Encontramos também em formas de desenvolvimento que desde o seu início, permitem as camadas mais pobres do país se apropriarem diretamente dos benefícios ao crescimento econômico". Esta é a conclusão dada pelo CEBES ao problema.

Saúde, o mais grave dos problemas

Numa sala da comunidade paroquial do Burgo Paulista as mães estão tentando discutir a saúde de seus filhos. A conversa com o médico voluntário é auxiliada por slides sobre verminose e outros tipos de doença de crianças até os 6 anos de idade.

Esta é apenas uma amostra do que está sendo feito na periferia de São Paulo, em termos de saúde. Há médicos que não visam apenas o lucro. Além de trabalhar a semana inteira nos centros de saúde, ainda dedicam seus fins de semana para encontros com o povo mais pobre.

Alguns deles assim caracterizaram a Saúde na Zona Leste da Capital: — Nesta área existem . . . 1.170.000 habitantes sendo que 54% têm menos de 15 anos. A maioria desta população é operária. Só a "Volks" mantém ali 5 linhas de ônibus diárias para o transporte dos trabalhadores. Predomina a baixa renda familiar e não existe rede de esgotos nesta área. Só 40% da população têm abastecimento de água. E no entanto, há apenas dois hospitais (São Miguel e Sta. Morcelina) dois Pronto-Socorros, 13 centros de saúde e 10 postos de saúde municipais.

PROBLEMAS FUNDAMENTAIS

Segundo médicos que



trabalham na área de São Miguel Paulista, há dois problemas fundamentais em relação à Saúde nesta área:

1. A nutrição precária: número altíssimo de crianças sub-nutridos;

2. Saneamento básico: água e esgoto.

Estes problemas são enfatizados em razão da taxa muito alta de mortalidade infantil. Na Grande São Paulo o índice é de 75 a 80 tendendo a diminuir. Em São Miguel o índice de mortalidade infantil é de 130, tentando a aumentar. Isto significa que de cada 1.000 crianças que nascem, 130 morrem no primeiro ano de vida.

As maiores causas da mortalidade infantil nes-

ta área são: desidratação, broncopneumonia, desnutrição. Por exemplo, metade dos casos de todo o Estado de São Paulo, de paralisia infantil, estão acontecendo na Região de São Miguel. Muitas faixas da população ainda não foram cobertas com a vacina Sabin.

DOENÇAS MAIS FREQUENTES ENTRE AS CRIANÇAS DA LESTE

Duas são as mais frequentes e que têm sido mortais: as diarreias infecciosas que levam à desidratação e problemas pulmonares e as broncopulmonares até a tuberculose. Outras menos graves são: vermino-

se que serve como indicador das condições precárias deste povo; a poluição atmosférica é causadora das bronquites asmáticas e pneumonia, e também o sarampo que seria evitável se houvesse mais vacinação.

Quanto ao trabalho sistemático que se está fazendo nos Centros de Saúde pode-se dizer que se restringe a dois fundamentais: distribuição de leite para as crianças e Gestal para as gestantes.

Mas os próprios médicos reconhecem que isso não é solução. A raiz da questão está no ínfimo poder aquisitivo da população e consequentemente nas condições precárias de vida que têm.

TENTATIVAS DE UMA PASTORAL DE SAÚDE DA ZONA LESTE:

Associando-se aos vários movimentos reivindicatórios da periferia, aos trabalhos de Comunidades de Base e de Clube de Mães, alguns médicos se prontificaram em associar-se à Pastoral de Saúde naquela região.

Através de boletins de saúde, palestras, audiovisuais e filmes, há médicos que se prontificam gratuitamente nos sábados e domingos a se encontrar com grupos de mães da periferia. Esta Pastoral ainda está em estágio inicial.

Subnutrição, uma causa publica

Encontrar uma vaga na escola não é, muitas vezes, o problema mais sério das crianças da periferia. No Parque Bristol, na zona Sul da cidade, por exemplo, existem quatro escolas. Mas, mesmo depois de conseguir uma vaga, muitos motivos levam um grande número destas crianças a não frequentar a escola ou não obter bons resultados nos exames. A subnutrição, a falta de material escolar, as grandes distancias a serem vencidas para o ir e voltar da escola e os problemas familiares levam muitos alunos a abandonar os estudos ou a serem reprovados no final do ano.

Jerry, de 10 anos, filho de um motorista de ônibus, repetiu 3 vezes a 1.a série do 1.º grau. Quando indagado da razão das reprovações ele diz que "era muito esquecido e não aprendia nada". Ele tem uma irmã de 9 anos que também foi reprovada 2 vezes seguidas. Pelo mesmo motivo.

M.F., de 17 anos, estuda na Escola Municipal Olavo Fontoura. Ela está na 8.a série, mas foi reprovada 2 vezes:

— Eu tenho dificuldade principalmente em Português e Matemática. Quando o professor percebe que a gente não entendeu ele explica novamente. Mas se a dúvida



persiste, o que acontece muitas vezes, ele logo diz "se você não entendeu agora é porque não quer aprender, pergunte depois, aos colegas que eles explicam".

Com classes de mais de 40 alunos os professores também enfrentam problemas. O principal é a falta de material didático. E conhecendo o nível econômico dos alunos da periferia, os professores procuram adotar livros não muito caros, e comprá-los em grande número, diretamente das editoras, para diminuir o custo do material didático. Outras vezes os alunos compram livros usados, de colegas de séries

mais adiantadas, a preços mais baratos. Mesmo assim, grande número de alunos não dispõe de livros para estudar, e se vê obrigado a seguir as lições pelo livro de um colega.

A falta de orientação nos casos de transferência também prejudica, muitas vezes, a vida escolar das crianças. M.L., natural de Alagoas, repetiu várias vezes a 1.a série do 1.º grau. Quando veio para São Paulo não trouxe nenhuma documentação que comprovasse sua escolaridade. E precisou, então, recomeçar tudo.

Hoje, com 13 anos, e cursando a 2.a série 1.º grau.

TRABALHO PREJUDICA ESTUDOS

Os alunos que precisam trabalhar durante o dia encontram ainda mais dificuldade para estudar. R., de 13 anos, trabalha o dia todo como cobrador de ônibus, e estuda à noite. Ele vai direto do trabalho para a escola. Ele confessa que, muitas vezes não tem a menor disposição para prestar atenção ao que os professores dizem durante as aulas. A. tem o mesmo problema. Seu patrão não permite que ele saia mais cedo do trabalho para ir para a escola. Nos sábados em que há reposição de aula ele precisa apresentar ao seu empregador um atestado da escola para que possa faltar ao trabalho. Mas mesmo assim é descontado no dia de trabalho, o que faz com que ele não vá às aulas de reposição, porque não tem dinheiro no fim do mês. Isso faz mais falta do que as aulas perdidas. "Mas tem patrões que são ainda piores, porque nem empregam quem quer estudar".

Para ajudar os alunos que trabalham durante o dia e estudam à noite, a diretoria da Escola Municipal "Olavo Fontoura" resolveu oferecer aulas gratuitas aos alunos.

No HC, a creche é deficiente

F/SP 29/3/79
Um banheiro para cada cem crianças e cinco professoras para cuidar de duzentas são alguns dos problemas apresentados pelo Parque Infantil do Hospital das Clínicas, mantido pela Prefeitura através de convênio, para atender aos filhos dos funcionários do estabelecimento.

Para resolver estes problemas, um grupo de mães que utilizam os serviços do parque, encaminharam um abaixo assinado no final de janeiro, à Assistência Técnica de Divisão do Hospital das Clínicas, pedindo providências junto à Secretaria de Educação do Município, responsável pela administração do Parque. Até agora não tiveram resposta.

Quando chove a água escorre pelas frestas do teto alagando as salas. "Aí é que a situação se complica mesmo", comenta uma das professoras do período da tarde, que não vê possibilidades de uma solução a curto prazo. Desde o final do ano passado, a diretora do parque está pedindo à Prefeitura que faça uma reforma geral nas instalações, inadequadas para abrigar tanta criança. Até agora apenas uma porta foi consertada.

Uma das mães, à saída do parque, comentava que a situação de quem tem filhos e trabalha no Hospital é bem complicada. Os menores de três anos têm direito à creche. No entanto, só existem 250 lugares, para um hospital com mais de seis mil funcionários.

Uma das principais reivindicações dos servidores no ano passado, era a construção de uma creche com capacidade suficiente para atender à demanda. O ex-governador Paulo Egidio Martins chegou a prometer que a incluiria entre as realizações do seu mandato. A solução encontrada, entretanto, não agradou a ninguém. A creche será transferida, apenas no final deste ano, para o novo prédio dos ambulatórios. E apesar de estarem previstas instalações sofisticadas, o local escolhido é o segundo andar do edifício, sem área descoberta.

Mas as mães fazem outras reclamações, e mostram-se, por exemplo, descontentes com o horário de funcionamento do parque — até às 17 horas — que não coincide com a hora de saída de muitos departamentos do hospital. As mães lembram que o Parque Infantil funciona em convênio com o Hospital das Clínicas, exatamente para atender aos interesses dos funcionários, mas estranhamente isso não ocorre com relação a horários.

Assim as funcionárias têm que sair do seu local de trabalho, apanhar os filhos e levá-los até o final do expediente para locais muitas vezes contaminados. Na hora de bater o ponto, elas enfrentam mais transtornos: como é proibida a entrada de crianças no túnel onde fica o relógio, as crianças ficam sozinhas na porta, perto da lavanderia cheia de roupas contaminadas.

Quando há um feriado no meio da semana, a escola, frequentada por crianças de três a seis anos, simplesmente fecha. E nas férias, segundo declarações das funcionárias ao jornal da Associação dos Servidores do Hospital das Clínicas, as mães têm que se revezar para entreter as crianças.

Há quem reclame do lanche. Consta que no começo do ano, a merenda não passava de meia xícara de chá e um pão. O lanche programado, entretanto, é composto de pão com manteiga ou patê, café com leite, bolachas ou bolo.

Para corrigir as deficiências do Parque, uma das professoras acha imprescindível mudar de prédio e aumentar o número de funcionários. Ocorre, entretanto, que não existe lugar disponível para construir e se a Prefeitura realmente decidir fazer uma reforma o Parque terá que fechar enquanto não terminarem as obras.

Jornal: DA VILA, 2(12)
Data: 103/1979
Pág: 8
Pasta n.º
N.º do recorte: 0367

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS
Depto. de Pesquisas Educacionais
Biblioteca

No dia 8 março de 1908, 129 operárias têxteis de Nova Iorque fizeram uma greve, ocupando a fábrica para reivindicar jornada de 10 horas, maiores salários e melhores condições de trabalho. Os patrões chamaram a polícia, que fechou as portas e pôs fogo no prédio. Todas morreram queimadas. A partir daí, o dia 8 de março ficou conhecido como o Dia Internacional da Mulher

"AMÉLIA" JÁ ERA.

Quinhentas mulheres participaram nos dias 3, 4 e 8 de março, no Teatro Ruth Escobar, do 1º Congresso da Mulher Paulista. As discussões mais importantes do encontro podem ser resumidas nessas declarações de algumas das participantes:

Trabalho doméstico — "O trabalho doméstico não é considerado trabalho e nem mesmo é valorizado por nossos companheiros. No entanto é ele que dá condições para que nossos maridos descansem, comam e reponham suas forças para dar mais produção. E para a mulher que trabalha fora, as tarefas domésticas representam uma dupla jornada de trabalho".

Prazer sexual — "A mulher não tem direito ao prazer sexual. Educada debaixo de preconceitos, ela acha normal o homem se satisfazer, virar para o outro lado e dormir sem se importar se ela gostou ou não".

Gravidez — "Dizem que nossa função principal é sermos mães, mas não temos atendimento médico e nem condições de saúde para chegar ao fim da gravidez sem problemas".

Emprego — "Quando engravidamos perdemos o emprego. Quando temos filhos, não temos creches onde deixá-los para poder trabalhar fora. Além disso, quando trabalhamos, podemos ter as mesmas funções que um homem, mas ganhamos sempre menos".

Foto: Nair Benedicto



Foto: Juca Martins



J. da vila

pg 8

ANO 2 N.º 12 MARÇO/79

Promovido por várias entidades — Associação das Donas de Casa, Movimento do Custo de Vida, Clubes de Mães da periferia, Frente Nacional do Trabalho, Casa da Cultura de Guarulhos, Sociedade Brasil Mulher, Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, Associação das Mulheres e Oposição Sindical da Sabesp e da Cetesb — o Congresso não se limitou à discussão de problemas, mas resolveu levar à frente uma série de lutas que considerou fundamentais.

Divididas em 22 grupos, as mulheres discutiram o trabalho doméstico, os problemas da mulher que trabalha fora, a falta de creches, o controle da natalidade, a sexualidade e a participação política na vida do país.

"O trabalho doméstico não é valorizado"

"O trabalho doméstico não remunerado que fazemos, é necessário para toda a sociedade, mas não é valorizado, muitas vezes, nem pelos nossos companheiros", disse uma jovem. No que concordaram muitos dos 25 homens presentes ao Congresso que confessaram ainda ser muito difícil se livrarem do preconceito de que a mulher é diferente do homem e que cabe unicamente a ela as tarefas da casa. Mas apresentaram uma justificativa: "Por causa das horas extras, declarou um deles, o homem chega em casa tão cansado que não tem coragem de ajudar a mulher. É dominado pelo patrão e em casa domina a mulher".

Uma das formas de vencer essa situação seria admitir que o trabalho doméstico não é responsabilidade única da mulher, mas dos dois, e que ambos, na verdade, deveriam se juntar para exigir a criação de creches, de lavanderias e restaurantes coletivos, organizados pelo governo e dirigidos pela comunidade, e que pudessem facilitar a vida dos dois.

Com isso, a mulher ficaria com menos encargos para poder disputar um lugar semelhante ao do homem no mercado de trabalho, outra das reclamações femininas. "Não conseguimos ter uma profissão, declarou uma mulher, porque fomos educadas para sermos mães e donas de casa. Só conseguimos emprego com salários mais baixos que os homens e só nas profissões e cargos mais desvalorizados".

Dessa discussão, nasceu outra proposta: a de se criarem departamentos femininos em todos os sindicatos, que lutem pela equiparação salarial, pela ampliação do ensino profissional, pela introdução de máquinas adaptadas à estatura feminina, pelo acesso das mulheres a profissões e cargos de chefia, por vestuários e equipamentos sanitários adequados.

"Querem acabar com os pobres e não com a pobreza"

O plano do governo para controlar a natalidade, chamado Programa de Prevenção de Gravidez de Alto Risco,

foi amplamente criticado pelas mulheres presentes. "Se o governo estivesse interessado em evitar os riscos da gravidez, em vez de distribuir anticoncepcionais sem nenhum controle médico, devia preocupar-se em garantir saúde, boa alimentação e condições de vida, atendimento pré-natal e garantias no parto", argumentaram os grupos.

As principais denúncias foram feitas contra as empresas multinacionais fabricantes de pílulas, "as mais interessadas nesse plano do governo porque poderão vender em massa seus anticoncepcionais"; e a Benfam, "organização ligada às multinacionais, que esteriliza as mulheres sem consultá-las".

"Temos direito ao prazer sexual"

Nas discussões sobre sexualidade, uma grande parte das mulheres confessou nunca ter sentido prazer sexual: "A educação diz que sexo é sujeira e pecado, não é coisa de mulher direita. Além disso, com todo o cansaço do trabalho e hora-extra, é impossível alguém ser bom na cama".

Outras reclamaram da falta de carinho por parte dos homens. Uma senhora contou: "Sou casada há 30 anos. A família ficava toda no mesmo quarto, e só quando as meninas dormiam é que ele vinha me procurar. Ele se realizava e pronto. Eu, nunca. Sei que sempre sufoquei essa parte, o sexo. Não tenho idéia do que é sentir prazer sexual". Outras ainda se queixaram de que muitas vezes o homem

chega em casa bêbado e só se importa com a sua própria satisfação.

Muito interessados em discutir a sexualidade feminina, o grupo dos homens levantou algumas questões: "Será que a mulher não é fria porque o homem não sabe dar prazer a ela? Quantos de nós conversam com suas mulheres sobre sexo? Qual de nós conhece o que dá prazer ou não à mulher?" E as respostas foram surgindo: "Na nossa sociedade, o que importa é a posse e o poder. Para que? Para consumir. A mulher entra apenas como mais um objeto de consumo, artigo de cama e mesa".

As principais lutas

No final, as mulheres participantes do Congresso resumiram em três pontos as lutas principais que pretendem encaminhar daqui para a frente:

1 — **creches:** totalmente financiadas pelo Estado e pelas empresas, que não sejam meros depósitos de crianças e que contem com a participação dos pais na orientação pedagógica;

2 — **equiparação salarial:** por trabalho igual, salário igual. Por melhores salários para todos os trabalhadores.

3 — **contra o Programa de Prevenção da Gravidez de Alto Risco:** pelo direito e condições sociais que permitam realmente optar por ter ou não ter filhos em bom estado de saúde e demais garantias de vida.

O congresso da mulher contra discriminações

A situação da dona-de-casa e a discriminação social imposta à mulher, principalmente quanto a trabalho e participação política, estão sendo discutidas desde ontem no Teatro Ruth Escobar pelas 500 participantes do 1.º Congresso da Mulher Paulista, promovido por várias entidades e que se estenderá até o dia 8 próximo.

Ao final, será redigido um documento, de reivindicações, a ser encaminhado às autoridades.

"Há muito que a mulher vem sendo discriminada e nosso esforço para mudar essa situação é ainda incipiente", afirmou Raquel Moreno, uma das organizadoras do congresso. PAG.30



No Teatro Ruth Escobar, as mulheres discutem sua situação e sua participação política.



Reunidas no Teatro Ruth Escobar, cerca de 500 mulheres discutem o seu papel social.

Discriminação da mulher denunciada em congresso

Cerca de 500 mulheres estão se reunindo desde ontem, no teatro Ruth Escobar, na Bela Vista, para discutir seus problemas específicos. São donas de casa, estudantes e trabalhadoras que estão participando do 1.º Congresso da Mulher Paulista, promovido por várias entidades e que pretende discutir a situação da dona de casa e a discriminação social imposta à mulher principalmente quanto a trabalho e participação política. O encontro prossegue hoje, devendo terminar no próximo dia 8, quando deverão apresentar o seu programa de reivindicações.

"Há muito que a mulher vem sendo discriminada e nosso esforço para mudar essa situação tem sido incipiente — diz Raquel Moreno, da comissão organizadora do congresso. Houve tentativas bem sucedidas, como o Congresso das Mulheres Metalúrgicas de São Bernardo, por exemplo. Teve bons resultados, como maior participação das mulheres nas greves e equiparação salarial com os homens. Porém, foi manifestação isolada e não tão divulgada. Precisamos encontrar uma forma de luta unificada e meios de divulgar e ampliar essa luta. É isso o que pretendemos com este congresso: fazer com que as mulheres discutam seus problemas e, juntas, descubram uma forma de levar adiante suas reivindicações".

Deste encontro deverá sair um documento a ser encaminhado às autoridades e um programa de trabalho e reivindicações que norteará durante 1979, a atuação das entidades promotoras do congresso: Associação das Donas de Casa, Movimento do Custo de Vida, Clube de Mães, Frente Nacional do Trabalho, Casa da Cultura de Guarulhos, Sociedade Brasil Mulher, Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira e Associação das Mulheres.

DA PERIFERIA

A maior parte das mulheres presentes no Ruth Escobar vinha da periferia. Roupas simples, muitas tomaram duas conduções para chegar ao teatro. Desde às 10 horas, quando foi aberto o encontro, até o final da tarde, em sessões plenárias e grupos de trabalho, elas debateram diversos temas. E o que parece mais tê-las empolgado foi o "Trabalho Doméstico", apresentado por Aparecida Kopczak, presidente da Associação das Donas de Casa, entidade que congrega 400 associadas e que atua em vários bairros da Capital.

De acordo com Aparecida, o maior problema da mulher brasileira atualmente é que ela não se dá o devido valor, o que se percebe principalmente na dupla jornada de trabalho — em casa e fora de casa — a que tem de se submeter, ganhando, na maioria das vezes, menos que o homem. Além disso, encontra muitas barreiras que a impedem de se desenvolver profissionalmente. Embora reconheça que essa situação seja principalmente resultado de toda uma estrutura social que, ao longo da História, só tem discriminado a mulher — e isso transparece notadamente através da forma como a mulher é educada desde criança, sempre sendo preparada para "cuidar do lar". — Aparecida acredita

que a valorização da mulher como pessoa humana também deva ocorrer em casa, com a divisão do trabalho doméstico entre os filhos e o marido.

Conforme Aparecida expõe suas idéias na platéia de mulheres simples vão aparecendo os exemplos que ilustram seu raciocínio. Maria do Carmo Soares, por exemplo, moradora no Jardim Jacira, lá para os lados de Hapocerica da Serra, é mãe de cinco filhos. Tem de cuidar deles, fazer a comida, lavar a roupa, limpar a casa e ainda trabalhar fora o dia todo, como doméstica, para completar o orçamento doméstico. Ela sai de casa às 5 horas da manhã e só volta às 7 da noite. Por que o marido não ajuda? É simples: "quando chega do trabalho, ele só quer beber, dormir e maltratar a gente. Tenho até medo de pedir ajuda e eu trabalho para ajudá-lo".

"O trabalho doméstico tem de ser valorizado — diz Aparecida — afinal, está indiretamente ligado com a produtividade. Com seu trabalho em casa, a mulher ajuda o marido a recompor a força dispendida na jornada de trabalho. Para a sociedade é fácil tachar a mulher de rainha do lar, esposa e mãe, apenas para colocá-la no exército da reserva. Ela é o tapaburaco. Não lhe dão valor no emprego, porque o trabalho fora é encarado como extra do que faz em casa. Ela não é levada a sério como profissional."

Outro exemplo das palavras de Aparecida é o que aconteceu recentemente na limpeza pública. Como a Companhia do Metrô contratou os homens que trabalhavam nesse setor para fazer serviço semelhante na empresa, ganhando Cr\$ 2,20 a hora e oferecendo alojamento, as mulheres, "o exército da reserva" como ela chama, foram contratadas para substituí-las na limpeza pública. Só que enquanto os homens ganhavam nesse serviço Cr\$ 1,80 as mulheres foram contratadas por Cr\$ 1,70.

"A mulher val tapar buraco, trabalha igual ao homem, porém o salário é desigual — fala Aparecida. Não tem creche para deixar os filhos, ninguém reconhece seu valor. E como nunca participou de nada, como foi criada assim, se submete."

Os obstáculos que a mulher encontra para poder trabalhar também foram discutidos por Aparecida. Não raro, as empresas recusam mulheres para diversas atividades, a mesma discriminação ocorrendo na política e em muitos outros campos. Aparecida mesmo, mãe de três filhos, quer ser mecânica, profissão que a atrai muito. Mas quem a aceitará? Quem lhe ensinará o trabalho?

"A mulher tem de mudar isso — afirmou Lurdes Gennari, 57 anos, mãe de cinco filhos, que participava do congresso. Sou doméstica, tive de trabalhar a vida inteira para ajudar meu marido que nunca mexeu uma palha em casa. Quis mudar de profissão, mas ninguém me deu oportunidade. Mas agora as mulheres têm que ter boa vontade e mudar isso."

"Ela precisa se valorizar — conclui Aparecida. Precisa se reunir, discutir seus problemas. Só unidas as mulheres conseguirão reeducar a sociedade."

CRECHES DISTRITAIS

Uma nova proposta reabre a discussão de um velho problema

Um grande número de mães que trabalham diariamente para uma creche à procura de lugar para deixarem os filhos. Desistem da idéia ao se informarem dos preços: na faixa de Cr\$ 2.400 por mês, para crianças de colo, e Cr\$ 2.250, para crianças maiores, por um período de apenas quatro horas. Elas fazem parte de uma imensa legião de mulheres da classe média, diariamente colocadas diante desse drama, a cada vez que tentam ingressar no mercado de trabalho. As creches existentes no Brasil destinam-se, por enquanto, a dois extratos muito definidos e opostos da população. As creches particulares, cobrando mensalidades caríssimas, atendem

ao chamado primeiro extrato, enquanto as creches da LBA, e de fundações estaduais como a Feem, destinam-se ao quarto extrato, formado pela parte da população em estado de pobreza absoluta. Isto não quer dizer que esta população esteja atendida, mas que pelo menos o passo inicial foi dado. O que não existe, de forma alguma, é a solução intermediária, destinada à massa de mulheres que trabalham, geralmente no setor terciário (comércio, prestação de serviços, comunicações, atividades sociais, administração pública), ou nas profissões liberais.

Continua na página 2

CRECHES DISTRITAIS

Conclusão da 1ª página

Um grupo de mães, moradoras de Santa Tereza, reuniu-se há poucos dias para discutir a possibilidade de instalar uma creche para seus filhos, sem visar lucros. De início esbarraram na dificuldade financeira: as mensalidades que cada uma poderia pagar não seriam suficientes para cobrir as despesas — aluguel, pessoal, encargos sociais, alimentação, luz, gás e outras taxas. Uma tentativa de aproximação com a Administração Regional de Santa Tereza, no intuito de — quem sabe — conseguir algum local que pudesse ser cedido a creche — já que se trata de uma iniciativa que poderia beneficiar a comunidade — resultou inútil.

Quem pode pagar Cr\$ 5 mil? As creches para as classes de renda mais alta funcionam em dois turnos, em geral de quatro horas, o que, além do preço, constitui mais um aspecto que as tornam inacessíveis às mães de classe média. Isso significa que ao final do turno alguém terá que ir buscar a criança, e se ocupar dela até o final do dia, quando a mãe sai do emprego.

A creche é mais uma babá de confiança custaria, no mínimo, Cr\$ 5 mil. E, além das mensalidades, as creches cobram matrícula, no valor de uma mensalidade, e mais uma taxa de material (em torno de Cr\$ 1 mil por ano), e não fornecem alimentação, já que a criança permanece apenas uma parte do dia e leva de casa o lanche ou a mamadeira.

Pressão cada vez maior — Onde estarão sendo deixadas as crianças enquanto suas mães trabalham? Com empregadas, com avós, tias e outros parentes? Estas são soluções de emergência que criam uma dependência em relação a outras pessoas e nem sempre dão à mãe a tranquilidade necessária para enfrentar um dia de trabalho.

A Coordenação de Bem Estar Social da Prefeitura informa que o Município não dispõe de verbas para a instalação, equipamento e manutenção de creches, apesar de uma de suas funções ser a integração de recursos públicos e comunitários em benefício da população. A única ajuda até hoje prestada pela Coordenação a uma creche foi o treinamento de voluntários para a creche da Paróquia Santa Cruz de Copacabana.

O único órgão estadual capaz de prestar alguma ajuda a grupos interessados na instalação de creches é a Feem, que pode ajudar na manutenção, alimentação e treinamento de pessoal, desde que a creche se disponha a ceder por convênio um certo número de vagas para suas crianças. Nesses casos a alimentação pode ser fornecida pela Merenda Escolar.

Alguma solução terá que ser encontrada, pois a pressão sobre as mães e cada vez maior. Pode-se ter uma ideia a respeito a partir dos números que mostram ser cada vez maior a participação da mulher na força de trabalho.

Segundo o Anuário Estatístico do IBGE, o número de mulheres "economicamente ativas", isto é, com uma situação regularizada no mercado de trabalho, era de 8.165.447, ou 18,5 por cento do total de mulheres em 1970. Esse número subiu para 11.756.924 (29 por cento), em 1976. Além disso, dados mais recentes do Ministério do Trabalho informam que nos últimos quatro anos foram expedidas mais carteiras de trabalho para mulheres do que para homens, numa proporção de três por um.

Uma possibilidade: as creches distritais — As creches distritais ainda não foram experimentadas no Brasil, mas já deram prova de eficiência em outros países, como a França. Técnicos da

LBA e da Feem acham que elas seriam a melhor solução: localizadas nos bairros e abertas a todo tipo de crianças que delas necessitassem poderiam ser instaladas e mantidas no Brasil por um fundo comum formado pelas empresas.

A creche de bairro, ou creche distrital, resolveria também o problema de localização, porque é uma questão difícil para sua empresa escolher um lugar que atenda a todos os funcionários, moradores dos mais diferentes pontos da cidade. Ainda segundo os técnicos, a localização da creche dentro da empresa é desaconselhável sob vários pontos de vista, mas principalmente pela questão da orientação, que deve ser uma só para todas as creches e não influenciada por diretrizes de cada empresa, assinala a assistente social Regina Rodrigues, da LBA.

Por outro lado, a instalação de uma creche na empresa levanta o problema do deslocamento da criança, que teria que vir de casa com a mãe, enfrentando

os problemas de transporte que todos os moradores do Rio e das grandes cidades conhecem.

Um projeto à espera de oportunidade — A diretora do Departamento de Programas de Integração Social da Feem, Djarna Bonder, elaborou, há cerca de oito anos, junto com uma equipe da Feem, um programa de creches distritais, que nunca pôde ser executado devido a mudanças de administração e outros problemas.

O tipo de creche, tal como imagina Djarna Bonder, seria mais voltado para o atendimento da comunidade, sem discriminações. Por qual motivo, pergunta ela, o bebê da empregada não pode estar ao lado do nosso bebê se todos os bebês são iguais?

Quanto às construções, não há necessidade de luxo — e nesse ponto Djarna faz uma crítica a algumas creches da própria Feem, como as de Padre Miguel e Antares, luxuosas demais para a realidade em que se situam — as instalações podem ser simples, mas com equipamentos de boa qualidade. Djarna tem esperanças de que o projeto de creches distritais possa ser ativado na próxima administração.

As empresas buscam solução — Na verdade, este parece ser um bom momento para a proposta do programa, já que muitas empresas estão se movimentando em busca de soluções. E que recentemente o Ministério do Trabalho começou a intensificar a fiscalização, exigindo que as empresas cumpram a lei em relação às creches. Muitas delas têm procurado a LBA, em busca de orientação. Regina Rodrigues, assistente social, acha que talvez seja esse o momento para se pensar nas creches distritais.

Casulo: um projeto, suas dificuldades, acertos e perspectivas a curto e médio prazos

Manter uma criança em idade pré-escolar, fornecendo-lhe a alimentação, assistência médica e psico-pedagógica, não custa tão caro como se pode pensar, desde que se saiba aproveitar o máximo dos recursos oferecidos pela comunidade. A LBA, através do seu projeto Casulo, provou que isto pode custar em torno de Cr\$ 3.000 per capita anualmente.

Numa creche convencional do tipo das mantidas pela Feem, o custo mensal de uma criança gira em torno de Cr\$ 1.200, por uma permanência de quatorze horas. O projeto Casulo mostrou que se pode tentar uma solução mais prática e realista dentro das condições locais. No entanto, entre um bom projeto e a realidade, o saldo é desanimador: calcula-se em 25 milhões o número de pré-escolares carentes no Brasil, mas o número de vagas que serão oferecidas pela LBA até abril deste ano é de 149.000.

FALTA PESSOAL QUALIFICADO

A principal dificuldade em que esbarra o projeto é o de falta de pessoal, pois curiosamente o projeto foi acionado sem que fossem abertas novas vagas para a contratação de pessoal, apesar de o Grupo Executivo ter apresentado à diretoria da LBA um estudo em que apontava as necessidades mínimas de pessoal.

Na falta de contratações, tem-se procurado um remanejamento de pessoal e utilizar-se também a prática de deslocamento de pessoal ocioso. A equipe mínima necessária desejável para cada Estado é formada por uma assistente social, uma pedagoga e um médico, mas por enquanto apenas São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Regiões Metropolitanas do Rio de Janeiro e Santa Catarina e Rio Grande do Norte possuem equipes completas.

Estas equipes são encarregadas de supervisionar o funcionamento das creches nos Estados, já que o pessoal das unidades — babas, monitoras, cozinheiras, auxiliares de enfermagem — é em geral fornecido pelas entidades beneficentes locais, com as quais a LBA mantém um convênio.

A intenção básica do projeto é no sentido de aproveitar o máximo de recursos

ociosos, em termos de equipamento, tempo e pessoal. As creches incentivam, por exemplo, o aproveitamento de trabalho de voluntários, e especialmente das mães, o que é uma forma de também conscientizá-las para a importância de certos aspectos como, por exemplo, alimentação, higiene. As mães que trabalham são convidadas a oferecer pelo menos um dia de trabalho por mês na creche em que seu filho esteja sendo atendido. As mães podem ajudar na cozinha ou como babás. A ideia é que o projeto não se torne meramente assistencial, e isto significa interessar-se também pela promoção da família. Dá-se preferência ao atendimento de crianças cujas mães trabalhem fora ou pelo menos pretendam trabalhar.

QUATRO HORAS

Mas é justamente em relação ao trabalho das mães que o projeto esbarra em outra dificuldade. Como pretender que as mães trabalhem se em geral as creches atendem somente por períodos de quatro horas? A assistente social Ruth Pereira de Azevedo, coordenadora técnica do Grupo Executivo do Projeto, diz estar consciente dessa dificuldade, mas deixa entrever que por enquanto não há o que fazer.

Outro problema é o de que a equipe se resente é a falta de uma pesquisa prévia que apontasse, por exemplo, os locais em que houvesse maior necessidade de creches, pela maior incidência de crianças carentes em idade pré-escolar. Sem pesquisas, a instalação de creches é feita mais ou menos aleatoriamente, nos locais que ofereçam condições para a instalação. Estas condições são principalmente a existência de uma entidade benéfica que possa assinar convênio com a LBA para a manutenção da creche dentro do princípio de utilização dos recursos disponíveis.

SEM LUXO

Instalações luxuosas estão fora de cogitação para as unidades Casulo. Os pa-

drões que especificam mobiliário e equipamento adequados ao tamanho das crianças foram deixados de lado, considerando-se que o mais importante é ampliar o número de vagas e preocupar-se com a qualidade do atendimento. Dentro desse princípio, considera-se que são mais importantes o empenho e a atenção do pessoal que lida com a criança, por exemplo, do que a existência de vasos sanitários especiais para crianças ou de mesinhas e cadeiras.

Muitas vezes a creche Casulo pode estar numa palhoça, como acontece em alguns lugares do Nordeste, por exemplo, quando o único espaço disponível for uma palhoça. A criança não se sentirá menos confortável do que em casa, pois em geral suas famílias vivem em casas assim. O mais importante, dentro da intenção do projeto, é o atendimento humano, as pessoas com quem as crianças irão se relacionar no período em que permanecerem na creche.

Também se dá ênfase à assistência alimentar. Nas creches as crianças devem receber duas refeições diárias em quatro horas de permanência, tendo assegurados pelo menos dois terços de suas necessidades proteico-calóricas. As diretrizes enviadas pelo Grupo Executivo a todas as unidades sugerem que se respeitem os costumes e os hábitos alimentares de cada região. Não há por que — observa uma assistente social — se proibir as crianças do Nordeste de se servirem de farinha em todas as refeições, quando estão habituadas a isso, e desde que estejam recebendo junto com a farinha os valores alimentícios necessários. Isto vale também para a recreação, em que se propõe a valorização dos brinquedos e jogos tradicionais da região.

Até abril deverão estar em funcionamento 4.051 creches, o que é um número quase irrisório frente às necessidades. Neste primeiro ano o projeto mostrou que pode funcionar, apesar das dificuldades. Resta saber se a LBA realmente pretende levar adiante o projeto e para isso uma das primeiras providências seria a contratação de pessoal.

Encontro debate os problemas da mulher

"Todo mundo diz que a dona-de-casa é burra e que o trabalho dela não vale nada. Mas lavar, passar, encerrar, cozinhar, tudo isso é trabalho que vai garantir o bem-estar dos outros membros da família, que, por sua vez, vão garantir a produção. Como resolver os problemas do trabalho doméstico e de dupla jornada de trabalho, para a mulher que trabalha fora? Uma forma de engajar o marido nas tarefas da casa, fazê-lo dividir conosco o trabalho doméstico; outra é a socialização do trabalho doméstico: lavanderias públicas, restaurantes coletivos, creches..."

Essas questões foram expostas ontem, na abertura do I Congresso da Mulher Paulista, no Teatro Ruth Escobar, pela presidente da Associação das Donas-de-Casa, Aparecida Kopcak. Outras oito entidades — entre as quais o Movimento do Custo de Vida, os Chuves de Mães, a Sociedade Brasil Mulher e a Oposição Sindical Sabesp/Cetesb — participam da promoção desse encontro, que está reunindo desde às 9 horas de ontem cerca de 500 mulheres paulistanas.

Depois da exposição de Aparecida Kopcak, as mulheres foram divididas em grupos de até dez membros para discutir se trabalho doméstico é trabalho, as maneiras de resolver os problemas da dona-de-casa e da mulher

que trabalha fora (acumulando também o trabalho doméstico), a hipótese de se pagar um salário à dona-de-casa e a possibilidade da socialização do trabalho doméstico. "Quem deveria responsabilizar-se por isso? O Estado ou nós?" — era uma das perguntas debatidas nos grupos. Depois da discussão em grupos, as questões foram levadas a plenário.

O mesmo esquema de debate será mantido para os outros temas do Congresso, que prossegue hoje, das 9 às 17 horas, abordando as questões relacionadas à sexualidade feminina. Hoje serão exibidos, também, o filme "É menino ou menina?" e uma série de slides sobre a formação diferenciada que se dá à mulher e a preconceituosa imagem feminina divulgada pelos meios de comunicação de massa. No local do Congresso foi também montada uma creche para acolher os filhos das mulheres que não têm onde deixá-los.

Além de creches, trabalho doméstico, trabalho noturno feminino, sexualidade e contracepção, o Congresso tratará também de temas como o custo de vida e anistia. As conclusões desses dois dias de debates serão levadas à reunião de quinta-feira, às 20 horas, quando será comemorado o 8 de março, Dia Internacional da Mulher.